

**KELLVEN
VILHENA**

ISOLADOS E APAGADOS

**O AMAPÁ EM 2020: A
LINHA DE FRENTE CONTRA
PANDEMIA E BLACKOUT**

MACAPÁ 





Guiana
Francesa

OCEANO
ATLÂNTICO

Amapá

Oiapoque

Calçoene

Amapá

Pracuúba

Tartarugalzinho

Serra do Navio

Pedra Branca
do Amapari

Porto
Grande

Ferreira
Gomes

Cutias

Itaubal

Macapá
Santana

Mazagão

Laranjal
do Jari

Vitória
do Jari

Pará

Pa

ISOLADOS E APAGADOS

O AMAPÁ EM 2020: A
LINHA DE FRENTE CONTRA
PANDEMIA E BLACKOUT

KELLVEN
VILHENA

MACAPÁ, 2024

Copyright @2024 Kellven Vilhena
Publicado originalmente como produto para obtenção de título de bacharel em Jornalismo na
Universidade Federal do Amapá.

Edição
Kellven Vilhena

Projeto gráfico de capa e miolo
Kellven Vilhena

Diagramação
Kellven Vilhena

Revisão
Kellven Vilhena

Orientação
Profª Draª Roberta Scheibe

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Aline Farias Bandeira Couto – CRB-2 0017/O

V711m Vilhena, Kellven Jhonatan Cortes
Isolados e apagados: o Amapá em 2020: a linha de frente contra pandemia e
blackout / Kellven Jhonatan Cortes Vilhena. - Macapá: [s.n], 2024.
147 f.

ISBN 978-65-01-52225-8

1. Jornalismo - Reportagem. 2. Covid-19. 3. Macapá-Amapá. I. Título.

CDD 23. ed. – 070.43

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
Kellven Jhonatan Cortes Vilhena
Kellven-vilhena@hotmail.com

Aos meus pais, pela paciência.
Aos meus amigos de TCC, pela persistência.
Aos amigos que deram as entrevistas, pelo tempo.

-Kellven Vilhena

PREFÁCIO

A pandemia da Covid-19 veio e se foi, mas suas cicatrizes permanecem como sequelas no mundo e em pessoas que viveram situações terríveis. As lembranças dos tempos difíceis perduram até os dias atuais, e talvez você que esteja lendo essas histórias anos após o evento já esteja apagando-as de sua memória, mas aqueles que vivenciaram jamais esquecerão os desafios que enfrentaram dentro e fora de casa.

As mortes em sequência, os absurdos proferidos por descrentes, o isolamento prolongado que nos privou do convívio com entes queridos – tudo isso convergiu para criar um dos piores momentos da história moderna. Vivenciar a história é uma experiência distinta de simplesmente lê-la ou assisti-la de forma passiva. Por isso, este livro tenta expor, com narrativas humanizadas e literárias, o sentimento profundo de cada pessoa entrevistada, adentrando em seus pontos de vista e sentimentos como se você estivesse vendo em primeira mão.

Neste livro, mergulharemos nas histórias de personagens atuantes do sistema de saúde municipal de Macapá, capital do estado do Amapá – conhecido como estado mais isolado do Brasil por não ter ligações terrestres, apenas marítimas e por aviões. Como uma cidade de tamanho médio e separado por rios conseguiu lidar com os problemas durante 2020, o primeiro ano de Pandemia.

“ISOLADOS E APAGADOS” vivencia as histórias de três pessoas reais da área da saúde em Macapá, uma das áreas mais precárias e necessitadas do estado, e coloca o leitor junto da linha de frente contra o vírus que assolou o mundo, explorando a empatia, o sofrimento e a resiliência de uma população batalhadora, não só contra a natureza, mas também contra o sistema quebrado em que tenta se manter firme diariamente. Para piorar a situação, o estado passou por um blecaute geral no final de 2020, se tornando o único a lutar contra os problemas da má gestão de energia e os problemas de uma doença devastadora.

Com um projeto gráfico simples, porém eficaz, e dividido em duas partes e mais um prólogo, a prosa literária lhe fará mergulhar fundo nas emoções e nos eventos contados, convido você a refletir e a se deixar envolver por essas histórias.

- Kellven Vilhena

2019

12 DE DEZEMBRO

Um grupo de pacientes na província chinesa de Hubei, na cidade de Wuhan, começa a sentir os sintomas de uma doença atípica semelhante a uma pneumonia que não responde bem aos tratamentos padrão_

31 DE DEZEMBRO

O Escritório da Organização Mundial da Saúde (OMS) na China é notificado sobre diversos casos de pneumonia com causa desconhecida, apresentando sintomas como falta de ar e febre, ocorrendo em Wuhan, China _

2020

JANEIRO

Doença causada por um novo tipo de Coronavírus
começa a se espalhar entre ásia e europa _

parte **1**

NOTÍCIAS DISTANTES_

MARILÉIA

Com passos largos, empurrou a maca com mais força. Mariléia tinha que chegar o mais rápido possível no apartamento privativo para então seguir com outros necessitados o quanto antes, mas as assistentes ao seu redor pareciam não se apressar o suficiente. Era sempre assim, ela sabia.

Em todos os trabalhos de sua vida, a carreira como enfermeira chefe era o que lhe deu mais dores de cabeça. Tantas correrias. Pessoas incapazes de lhe acompanhar. Enfermos difíceis de tratar e aqueles que eram incapazes de respeitar os funcionários. O paciente do momento, deitado na maca que empurrava, no entanto, apenas gemia suavemente enquanto dormia, como se estivesse perdido entre pesadelos e sonhos.

Ao seu redor, as outras enfermeiras assistentes tentavam acompanhar seu ritmo com passos largos e apressados enquanto o corredor se esticava entre portas fechadas e luzes muito claras. Mas apesar de tudo, Mariléia gostava do ambiente branco feito giz, o cheiro forte de álcool e materiais de limpeza que compunha o hospital. Para ela, era um lembrete de estabilidade que lutara muito para conseguir durante sua vida profissional.

– Vamos, apressem mais o passo... – Resmungou ela para as assistentes ao seu redor. – Precisamos levá-lo para o setor B e voltar para a clínica do Dr. Irineu o mais rápido possível, ouvi falar de um caso cirúrgico urgente.

Ali, muito perto de uma das duas UTI que o hospital oferecia, o cheiro de álcool era mais forte, ela percebeu. Mas também havia o cheiro de dificuldades ainda maiores. Pouco tempo passava ali, e não seria essa vez. Seu corredor levava aos quartos privativos que pacientes que tinham condição financeira podiam pagar para ter mais privacidade. A enfermeira à sua direita tirou-lhe do transe.

– Vou preparar os equipamentos pós cirúrgicos – disse ela, com aparente calma, soltando-se da maca e virando a esquina para outro corredor.

A falta de precisão de sempre, pensou Mariléia. Os equipamentos já deveriam estar prontos no apartamento privativo do paciente que empurravam. Isso lhe dava a sensação enorme de que não tinha controle nenhum nos procedimentos que gostaria de fazer com perfeição. Aos 52 anos, o controle da vida nem sempre funcionava e por isso gostava de observar o que ainda estava em suas mãos, e no hospital quase nunca era possível. Tanto pelas instabilidades da vida, quanto pelas enfermeiras contratadas para lhe ajudar.

Ela suspirou em resposta e continuou o caminho com as restantes.

Quando chegaram ao quarto privativo, Mariléia posicionou a maca com o paciente de frente para a televisão e começou a preparar o soro enquanto as outras enfermeiras arrumavam a cama e transferiam o paciente para ela. Tirou a agulha guardada para aplicar na mão direita do paciente, era sua parte favorita, buscar por veias saltadas era fácil para ela, contudo distraiu-se ao ouvir o som da televisão do quarto sendo ligada.

A enfermeira com o controle remoto zapeou um pouco antes de parar no noticiário e a voz robótica de uma repórter ecoou pelo apartamento branco padronizado de hospital.

“Depois de oficializar a primeira morte pela nova doença causada pelo coronavírus, mais casos são descobertos em países da Ásia, como Taiwan e Japão, há indícios também...”

Mariléia tentou desviar a atenção da notícia e não parou o que estava fazendo, posicionando soro, travesseiros e lençóis; mas no fundo sentiu seu coração acelerar um pouco mais, e como que para se organizar melhor, descalçou suas luvas, tirou a touca branca e amarrou seus cabelos pretos e cacheados em um nó ao alto da cabeça. Colocou a touca novamente, calçou as luvas e voltou aos afazeres, mas não pôde evitar de prestar atenção novamente.

As notícias sobre o novo coronavírus estavam frequentes desde o início do mês, ela percebia. Tentava não se preocupar, como muitos dos seus familiares e amigos

não se preocupavam. Mas depois da primeira morte na China, ela não conseguia. Tinha que focar no agora e tentar fazer o seu trabalho. Não havia o que se preocupar no momento, a doença era uma epidemia na China apenas, tinha que se lembrar.

A outra enfermeira aumentou o volume.

“O departamento de saúde chinês também oficializou que a transmissão entre humanos já está acontecendo, e a OMS declarou estado de emergência em Wuhan, local onde o vírus apareceu pela primeira vez...”

Outra enfermeira parou o que fazia e levou a mão ao peito, arfando baixinho.

“...E declarou estado de lockdown, para conter a doença.”
A repórter finalizou.

– Isso é um pouco assustador – disse ela. – Lockdown não é quando fecham tudo?

A enfermeira mais nova se aproximou. Uma moça ainda próxima dos 25 anos, totalmente antenada com as notícias. Era ela quem os informava primeiro em todos os almoços desde quando os primeiros rumores do vírus começaram em dezembro do ano anterior.

– É quando eles fazem um bloqueio total sim. – Ela pegou o celular como que para pesquisar mais sobre. – É imposto pelo Estado ou pela justiça durante situações extremas. As pessoas ficam proibidas de circular em áreas

públicas, cruzar fronteiras e as vezes tem toques de recolher.

– Se estão fazendo isso, deve conter o vírus, não?

A enfermeira mais jovem tirou os olhos do celular e deu de ombros.

– Esperamos que sim... As coisas estão começando a ficar mais sérias, já aconteceram mais mortes desde o dia 11 de janeiro, quando oficializaram a primeira morte.

A outra enfermeira engoliu em seco.

– Eu fiquei sabendo que os Estados Unidos já estão fazendo quarentenas e que há alguns casos confirmados na Europa...

Mariléia suspirou. Ela não queria se incomodar mais com isso. Como profissional de saúde, obviamente sabia dos riscos, mas tinha que focar no agora. Era como sobreviveria. Todos deveriam deixar os casos para serem monitorados pela Ásia e pela Europa, do outro lado do mundo, iria demorar para chegar ao Brasil, se é que chegasse. *Estamos seguros, principalmente morando no Amapá...* ela tentou pensar. *Não devemos nos preocupar ainda.*

– Troque de canal, por favor, Lúcia – Disse ela rispidamente. – Não é bom ouvirmos essas notícias quando o paciente acordar. – Seu rosto repleto de linhas de expressão bem proeminentes demonstrou a severidade na ordem. Era o rosto de uma líder cansada.

Mas a enfermeira não fez o que foi pedido; estavam todas atentas ao noticiário novamente, os olhos arregalados quando Mariléia finalmente virou para a tv.

O âncora estava dando uma notícia em primeira mão:

“O ministério da saúde acabou de relatar oficialmente que há três casos suspeitos atualmente em análise no Brasil, nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Ainda não sabemos....”

– Vai chegar no Brasil... – Exclamou a enfermeira mais nova. E pôs-se a pesquisar novamente no celular, para alguma notícia de última hora.

A imagem do ministro surgiu na TV. Um homem de meia idade, com seu paletó e gravata habitual de homens envolvidos com política.

“Devemos pedir a todos a calma nesse momento, não há motivo para preocupação. É apenas mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar. Das gripes históricas com letalidade maior, o coronavírus se comporta de menor forma e tem transmissibilidade similar a determinadas gripes que a humanidade já superou”, explicou ele.

“Nosso sistema já passou por epidemias respiratórias graves. Iremos atravessar mais esta, caso os casos se confirmem, analisando em conjunto com os pesquisadores e epidemiologistas brasileiros para saber qual é o comportamento desse vírus em um país tropical”.

Lúcia, a segunda mais velha em comando que estava em silêncio até o momento, riu. E colocou a mão nos bolsos dos jalecos brancos que todas as enfermeiras usavam.

– Ele tem razão, parem de drama.

Mariléia bufou. Parou o que fazia e tentou falar com mais seriedade, sem acordar o paciente.

– Troquem de canal agora. O paciente deve acordar em breve.

A enfermeira resmungou, mas fez o que lhe foi pedido.

Mariléia suspirou novamente. O paciente na cama continuava dormindo e gemendo. Aquele não era um caso respiratório, mas ela imaginava a situação caso viesse a se transformar em algo do tipo. Os casos na Ásia estavam mesmo alarmantes, e na Europa os números de casos começavam a aumentar. O fato de o Brasil não estar no inverno não a tranquilizava. Seus anos de enfermagem lhe diziam que o inverno poderia agravar as coisas, mas não era o único fator determinante para a transmissão de um vírus, e sabe-se lá como era a transmissão desse novo vírus. As autoridades ainda o estavam estudando e isso deixaria as pessoas ainda mais assustadas.

Com as notícias em enxurrada, todos sabia que o vírus surgira de repente no final de 2019 na China e não houve muito tempo de estudo para entendê-lo melhor. Começara como uma pneumonia desconhecida, até

descobrirem por meio de pesquisa genética que o vírus era um novo tipo de coronavírus e que causava sintomas similares aos da gripe. No início do mês, a Organização Mundial da Saúde já preparava diversos esquemas de contenção, pois os casos eram preocupantes, mas ainda assim os casos começaram a se espalhar por todo o mundo.

Mas Mariléia se recusava a se preocupar. Tinha tantas coisas para fazer; sua aposentadoria estava próxima; sua família estava chegando do Pará, e ela teria que preparar tudo para recebê-los, irmãos, cunhados, sogro. Não havia tempo para preocupação e não havia tempo para doenças.

A enfermeira mais jovem voltou a falar de repente, com o rosto em surpresa.

– A OMS confirmou que já são mais de 6.000 casos confirmados na China até agora...

Mariléia se irritou finalmente. Ia chamar atenção novamente, quando o paciente finalmente abriu os olhos, pedindo por água.

Mariléia deixou os pensamentos preocupantes de lado e esqueceu as notícias por mais um tempo. Era o que tinha que fazer por hora.

ANDREI

A ambulância do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Macapá, o SAMU, balançava lentamente pela noite. Nem mesmo um veículo preparado para emergências suportava os muitos buracos das ruas e avenidas da capital.

Andrei olhava pela janela do banco do passageiro, aguardando o motorista atravessar faróis vermelhos enquanto a sirene ressoava em alto e bom som, pedindo passagem. Ele podia ver seu reflexo no vidro: os cabelos pretos e lisos todos emaranhados e um rosto pálido e sem expressão por conta dos olhos vermelhos cansados de ver as mesmas paisagens todos os dias. Como enfermeiro-chefe da viatura, era seu dever esperar pelo pior naquele momento em que estavam em direção a um atendimento de urgência, sua atenção tinha que estar redobrada mesmo durante o trajeto. Mas naquela noite, a sua atenção estava na conversa entre os enfermeiros assistentes na parte de trás da viatura.

– A gente achava que poderia ficar despreocupado, mas depois que criaram os testes de diagnóstico e enviaram para todos os lugares do mundo, os casos confirmados já chegaram até nos Estados Unidos...

É claro que estavam falando do novo Coronavírus, a assustadora doença que se espalhava pela Europa e a Ásia, que inclusive ganhara o nome oficial de Covid-19 pela OMS

no início do mês. Era o assunto principal em todos os lugares, mesmo em Macapá, tão longe de lá como era. Andrei já sabia tudo sobre ela, estava atento às notícias desde janeiro, quando os primeiros casos de morte surgiram. Mas ainda não se preocupava. Quase nunca se preocupava com as coisas que aconteciam fora de Macapá, era um comportamento que ele tentava manter constante para controlar a sanidade mental, só havia passado um mês desde as primeiras mortes, não iria se preocupar.

– Meu... – o técnico em enfermagem se pôs a falar.
– Antes era a China o pico de preocupação do Coronavírus, agora é a Itália, você viu?

A doença se espalhou tão rápido pela Europa, que a Itália se tornou o principal ponto de Covid-19 no mundo inteiro ainda em fevereiro e já começava a criar medidas de contenção por lá. A China, que já estava em lockdown desde janeiro, estava com casos contidos e mortes em crescente, mas conseguia criar uma estabilidade. O que não acontecia em outros lugares. Era uma notícia recente que ouvira há dois dias, e que todos já estavam sabendo e temendo. Andrei começou a pensar se era meio imprudente não se preocupar tanto assim.

– Os Estados Unidos já têm 15 casos confirmados, parece. – O enfermeiro assistente respondeu. – Começou a fechar escolas e cancelar eventos. Se já tem na América...

– Espera, deixa eu ver se saiu alguma nova notícia...

Andrei se remexeu na cadeira, e enfiou a cara pela janelinha aberta entre a parte de trás e a cabine onde se sentava com o motorista.

– Vocês poderiam se concentrar e aguardar para depois do atendimento que estamos indo, não? – disse por fim. Todos os dias tinham notícias novas sobre o vírus. Aumento de casos. Aumento de mortes. Países se preocupando. Era amedrontador demais ficar por dentro.

Mas o mais jovem não lhe deu ouvidos enquanto exclamava surpresa. Com os olhos arregalados, abriu o que pareceu ser uma notícia em vídeo, e a voz do repórter soou por toda a viatura.

“O Brasil confirmou, nesta quarta-feira, 26 de fevereiro, o primeiro caso positivo do novo coronavírus no País...”

Todos pararam para ouvir, menos o motorista, que Andrei percebeu, deu uma olhada rápida com o susto e continuou a dirigir.

“...Um homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, ontem, em São Paulo, com histórico de viagem para Itália, região da Lombardia, no início do mês. O Ministério da Saúde, em conjunto com as secretarias de saúde estadual e municipal de São Paulo, investigava o caso desde então. Os órgãos estão realizando a identificação dos contatos no domicílio, hospital e voo, com apoio da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), junto à companhia aérea.”

– Eu sabia que chegaria logo ao Brasil... – O técnico falou com voz de choro. O técnico em enfermagem era um jovem de 19 anos, e não sabia lidar bem com situações sensíveis, Andrei se lembrava.

“O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, reforçou que já era esperada a circulação do vírus, mas o Brasil ainda não

está no inverno, período em que o contágio será mais preocupante.”

– O que esse homem está falando? – perguntou o enfermeiro assistente, em choque.

“O ministro garantiu, ainda, que a população brasileira terá todas as informações necessárias para que cada um tome suas precauções, que são cuidados com a higiene e etiqueta respiratória, como lavar as mãos e o rosto com água e sabão” dizia a repórter do telejornal. “Este é um hábito importante e higiênico para evitar não só doenças respiratórias, mas também outras doenças de transmissão oral.”

A voz masculina do ministro se pôs a falar.

“Nosso sistema já passou por epidemias respiratórias graves. Iremos atravessar mais esta, analisando em conjunto com os pesquisadores e epidemiologistas brasileiros, qual será o comportamento desse vírus em um país tropical.”

O técnico segurava o celular em sua frente, ainda fazendo cara de susto.

“Para Mandetta...” a repórter continuou. “O Brasil está preparado para testar os casos e garantir que os confirmados sejam monitorados e tratados”.

Andrei ouviu a voz no dispositivo mudar para a voz masculina do ministro da Saúde.

“Agora vamos acompanhar o comportamento do vírus no hemisfério sul, qual o grau de transmissibilidade e letalidade. Gostaria de parabenizar o sistema de vigilância, os laboratórios, o Instituto Adolfo Lutz, pela agilidade para realizar os exames e a

contraprova. Vamos sair mais fortes do que entramos e com mais capacidade de reagir a essas situações”.

Provavelmente o ministro estava apenas tentando acalmar as pessoas, pensou Andrei. Pois ele, como profissional da saúde, sabia que não seria tão tranquilo assim.

“Todos os estados e municípios já têm esses equipamentos para os atendimentos necessários, de rotina; agora eles terão uma demanda maior, por isso o Ministério da Saúde enviará um reforço com esses equipamentos”.

O enfermeiro mais velho se remexeu e resmungou baixinho.

– O hospital público no centro da cidade vive lotado e sem equipamentos mesmo sem epidemia... – reclamou ele. – Onde esse ministro acha que está? Na Europa?

– Esse não sabe nada sobre os estados e municípios mais distantes – disse o técnico. – Se aqui, que é uma capital de pouco mais de seiscentos mil habitantes já está ruim sem epidemia, imaginem como estão as cidades menores no interior, os ribeirinhos no meio da floresta...

A repórter voltou a falar no celular:

“Até esta quarta-feira, vinte casos suspeitos de infecção pelo coronavírus são monitorados pelo Ministério da Saúde em sete estados do país: Paraíba, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.”

– Nessas horas, a gente não reclama mais de o Amapá ser meio afastado do resto do país – Andrei comentou finalmente.

Andrei ouviu o motorista bufar. O enfermeiro assistente voltou a falar.

– Isso não vai adiantar muito se essa doença se espalhar de verdade, o Amapá não é completamente separado do país, e nem do mundo. Não somos tão isolados assim.

O motorista se mexeu em sua cadeira. Andrei sabia que ele não entendia muito de saúde, e, como leigo que apenas dirigia, sua preocupação era tamanha que era possível avistar em sua voz quando falou de repente.

– Minha irmã voltou de São Paulo esses dias, qualquer um tossindo no avião já era motivo para pensar que era a doença, e que estava vindo para cá...

O técnico em enfermagem desligou o celular. Como se percebesse que estava criando preocupação demais.

Andrei tentou contornar a situação, tinha apenas 27 anos, mas como enfermeiro chefe, tinha que tentar deixar os assistentes relaxados para lidar com problemas atuais.

– O mundo todo está em estado de contenção, tentando evitar que o vírus se espalhe. Caso se espalhe mesmo no Brasil, passaremos para a fase de mitigação, que consiste em evitar casos graves e óbitos. Não dou dois meses para chegarmos nessa fase, porque de janeiro para cá o vírus já saiu da Ásia e Europa e chegou à América, é muito fácil quando é espalhado pelo ar, como a Gripe...

O assistente gritou:

– Vira essa boca para lá, Andrei!

Andrei riu, parece que não conseguiu contornar a situação.

Ele sabia que o novo coronavírus começava a preocupar a todos. Uma doença parecida com a gripe, mas que atacava o pulmão de forma ainda mais agressiva, e sabe-se lá que outros problemas causavam, pois pouco se tinha conhecido sobre ele.

O que mais o preocupava agora eram os sintomas, tão semelhantes aos da gripe: febre, tosse, dor de garganta, falta de ar. Se a doença evolui para uma forma ainda mais grave, pode causar pneumonia grave, insuficiência respiratória e até a morte. Isso tudo já estava acontecendo na Ásia, na Europa e em algumas cidades dos Estados Unidos. Talvez a hora de se preocupar havia chegado.

– Calma, eu ia dizer que com essas medidas talvez as coisas sejam contidas mesmo.

O motorista perguntou por fim.

– Não existe vacina para isso não, doutor? – Chamava a todos de Doutor.

O enfermeiro mais velho cruzou os braços e respondeu por ele.

– Não, ainda não existe vacina nem tratamento específico. É uma doença nova; pouca gente sabe como ela funciona...

O motorista desviou de alguns cones no meio da avenida e virou rapidamente uma esquina, ainda aos gritos da sirene. Andrei teve que se segurar à porta.

– Como que um vírus novo aparece assim do nada? Não consigo entender – o motorista voltou a falar de repente.

– Na verdade, não é bem do nada... – O técnico em enfermagem pegou o celular novamente, como se fosse procurar mais informações. – O que eu sei é que o vírus faz parte de uma família de coronavírus que já existia em alguns animais, como morcegos e pangolins, na China. A primeira morte pela doença entre pessoas foi mês passado, dia 11 de janeiro, se eu não me engano. E ainda em janeiro, Tailândia, Coreia do Sul e Japão também identificaram o vírus por lá, está sendo bem rápido.

Depois surgiu em cidades dos Estados Unidos, só assim para o Brasil se preocupar, pensou Andrei.

– Ao que parece, eles comem esses bichos por lá, por isso passou para humanos – continuou ele.

Andrei balançou a cabeça.

– Ainda não dá para dizer se foi isso – disse ele.

O enfermeiro mais velho concordou. O assistente tinha quase a idade de Andrei, geralmente era mais contido e positivo que o técnico mais novo.

– Provavelmente o vírus sofreu uma mutação – ele disse. – Alguma alteração no código genético o tornou capaz de infectar humanos também. Isso é bem comum até. Chama-se transmissão zoonótica, pelo que me lembro das aulas de genética e biologia.

– Você ainda consegue se lembrar? – Andrei virou-se para trás, surpreso.

– Biologia foi meu primeiro curso de graduação – ele sorriu. – Fiz apenas um semestre, claro. Mas era meu tema de estudo favorito.

O motorista continuou quieto.

– Como parece com a gripe – Andrei falou –, a transmissão para humanos deve ter sido por gotículas respiratórias dos animais. Por isso as cidades da Ásia e Europa estão usando máscaras, para se proteger disso entre humanos.

O motorista assentiu, mas ainda parecia assustado.

– E tem como saber quem está infectado?

– Ao que tudo indica, nem sempre dá para saber. Algumas pessoas podem ter sintomas leves ou até mesmo não ter sintoma algum, mas ainda assim transmitir o vírus. Alguns testes também dão falso-negativo. Por isso, a maioria dos casos no Brasil são apenas suspeitos e contidos.

– Daqui a pouco isso vai estar um caos... – comentou o técnico em enfermagem, mais para si mesmo.

Andrei sabia e sentia que se transformaria em um caos. E depois dessa notícia, estava começando a se preocupar de verdade. Os casos suspeitos já eram um caos e haviam se transformado em uma epidemia lá fora. Andrei sempre foi muito contido em seus sentimentos, e firme diante de situações difíceis, já estava acostumado com

quase dois anos de SAMU, mas não sabia como reagiria caso a doença explodisse e as coisas piorassem. Nunca passara por nada do tipo, afinal.

– Vamos tentar não pensar nisso agora; estamos quase chegando ao atendimento – Andrei tentou sorrir.

O motorista continuava calado.

O caso que estavam indo atender era um chamado na zona norte da cidade. Como Andrei era o enfermeiro-chefe, ele deveria ter o primeiro contato. Claro, estava de máscara e com equipamentos de proteção individual – o EPI –, mas, ainda assim, seu medo cresceu um pouco ao imaginar uma pessoa com o coronavírus à sua frente. O que faria ao voltar para casa? Andrei ainda morava com os pais, apesar de tudo. Adorava seu trabalho, mas sua responsabilidade só cresceria em uma situação dessas.

A viatura gritava pelas ruas até chegar a uma rodovia larga com um canteiro no meio. Ali, o pavimento era mais liso e os solavancos já haviam parado. Andrei começou a calçar seus coturnos, pronto para desembarcar na casa de onde haviam chamado o SAMU.

Um homem de meia-idade veio correndo para abrir o portão da casa e recebê-los.

– Por favor, me ajudem a carregá-la a partir da sala!
– Ele parecia assustado.

Todos se prepararam com os EPIs necessários – toucas, máscaras, jalecos e luvas – e correram até a sala com a maca para carregar a paciente, menos o motorista que estava ali apenas para correr em segurança até o

hospital. Chegando lá, encontraram uma senhora de meia idade deitada no sofá. Sua respiração estava lenta e difícil, como se lutasse para captar o oxigênio ao seu redor.

Andrei parou no batente da porta, ansioso. Olhou para a viatura, onde o técnico de enfermagem arrumava os equipamentos e o motorista aguardava ao volante. Virou-se para o assistente ao seu lado, que ainda olhava para a paciente sem ar no sofá.

– Volte até a viatura e avise o motorista para também vestir uma máscara, por favor.

O assistente o olhou rapidamente, como quem começava a entender a situação, e saiu correndo de volta para a viatura.

Andrei se voltou para a mulher em socorro no sofá, tentando não associar a situação ao grande perigo que assolava o mundo.

Mas tinha que admitir agora: não importava se era ou não Covid-19. A partir daquele momento, qualquer situação semelhante seria uma suspeita para todos que trabalhavam nesse setor e a segurança seria ainda mais importante.

LUCAS

Lucas saiu de casa animado, como sempre, para mais um dia de trabalho. Seu humor era peculiar, todos diziam, e ele nunca entendia o motivo. Mas, como não ser peculiar naquele dia lindo? Vestiu-se todo de branco, penteou bem seus cabelos rebeldes e se deparou com um amanhecer magnífico no horizonte – o qual ele podia ver da varanda da casa compartilhada onde morava, na orla da cidade, podia avistar parte das águas turvas do rio Amazonas e o sol crescendo no céu azul. Ainda podia sentir o cheiro delicioso de pão fresco vindo da padaria ao lado, o que era ainda mais refrescante.

Enquanto aguardava sua carona de aplicativo, Lucas cantarolava seu samba-enredo favorito. Ele amava samba-enredo e o carnaval, e todos sabiam disso. O som o animava ainda mais, dando-lhe força para começar o plantão diário no hospital. Mal podia esperar pelo próximo ensaio de carnaval na sua escola de samba favorita. Ainda bem que Macapá tinha escolas de samba e desfiles de carnaval, como no Rio de Janeiro, sua cidade preferida desde que à visitou anos atrás. Lucas conseguia ser feliz mesmo não morando lá e isso o reconfortava. Definitivamente, ele tinha amor pela vida como ninguém. Adorava passear, participar de eventos, conhecer pessoas, e, claro, amava ainda mais o seu trabalho de cuidar das pessoas como técnico de enfermagem.

Quando seu carro chegou, entrou dando um enérgico "bom dia", que foi respondido com tédio pelo motorista e seguiu caminho até o hospital. Naquele dia, ele cuidaria da assistência na ala de cirurgia, junto com Mariléia, sua enfermeira-chefe. Estava ansioso, pois a ala de cirurgia era sua favorita: apenas cuidados pós-operatórios, sem nenhuma atenção mais urgente ou emergente.

– Pensei ter ouvido uma cantoria mesmo... – disse sua chefe assim que ele entrou pela porta do hospital, e Lucas riu.

– Quer ouvir também, Mari? – Ele tirou os fones de ouvido, convidando-a.

Mariléia tentou sorrir, cansada com o plantão que estava apenas pela metade. Seu cabelo amaranhado e solto na cabeça mostrava que ela estava em pausa.

– Agradeço, mas passo, meu filho. Prepare-se logo, pois já tem muito paciente querendo qualquer ajuda que aparecer.

Lucas abriu um sorriso. Mesmo com seus 28 anos na cara, Mariléia ainda o chamava de filho. O que não era muito estranho, vindo de uma mulher imponente e com mais de meio século de vida. Ele a admirava tanto.

– É para já!

De manhã, seu trabalho como auxiliar de enfermagem se resumia a conferir os pacientes de todos os quartos da ala cirúrgica no hospital particular onde trabalhava: números, bipes e gente deprimida. Mas ainda assim, era um trabalho reconfortante, pois ele conversava,

fazia amizades com crianças, adultos e idosos, e seu bom humor ajudava a criar um ambiente mais agradável. Isso o enchia de orgulho.

Passou a manhã inteira visitando quartos. As pessoas estavam todas em recuperação de cirurgias recentes. Havia cirurgias de estômago, cirurgias de vesículas e até mais sérias como cirurgias de ossos quaisquer. Lucas estava em seu sétimo quarto, próximo do horário do meio-dia, quando todos os noticiários começaram a dar ênfase ao tal do novo coronavírus, o vírus que era o tema de toda e qualquer conversa na cantina e nos corredores do hospital – até mesmo entre os amigos em sua casa. O primeiro caso foi noticiado em São Paulo em fevereiro, e desde lá todos temiam que a doença se espalhasse pelo Brasil. Em Macapá ainda não havia casos confirmados, apenas algumas suspeitas aqui e ali.

Desde 2019, já havia centenas de casos da doença na Europa, e desde o início de 2020, o mundo começava a se precaver, assim como aconteceu com o Ebola na África alguns anos atrás. O medo de a doença se espalhar pelo mundo era real. Mas Lucas acreditava na medicina. Os estudos para uma vacina já deviam começar em breve, embora ainda fossem demorar para chegar no Brasil.

Mas quando a notícia chegou ao país, ele conseguiu entender o porquê de a população começar a ficar mais com medo. No dia 3 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde declarou emergência de saúde pública de importância nacional, e no dia 26 surgiu o primeiro caso de um paciente que tinha vindo da Itália, país que, poucos dias antes, já

estava se tornando um dos principais focos da doença no mundo. Agora, no início de março, cidades e estados declaravam estado de emergência, pois os casos suspeitos só aumentavam, o que permitia aos governos realizarem operações de mitigação da doença mais amplas.

Depois do primeiro caso, as pessoas que vinham de fora do país deveriam ficar em quarentena, para verificar se apresentavam sintomas ou não.

Mas em Macapá, a situação ainda estava sob controle, Lucas costumava pensar isso para se acalmar.

– Essa Covid está assustadora, não é? – comentou a paciente de 40 anos do sétimo quarto, tirando-o de seus pensamentos. Ela estava deitada meio ereta, repleta de fios, esperando a cicatrização de uma cirurgia no abdômen, seus olhos vermelhos e pesados indicavam um pós-tratamento à base de analgésicos.

Lucas sorriu.

– Vai ficar tudo bem. Os casos serão diferentes aqui; é só tomar cuidado, como tomamos com a gripe no dia a dia.

Lucas dizia isso, mas não tinha tanta certeza de que seria assim, julgando pelos ocorridos nos outros países.

– O primeiro caso começou em janeiro, na China. Em fevereiro, se espalhou por diversos países. E chegamos em março com vários casos já no Brasil. Está sendo muito rápido. Como você consegue não se preocupar?

Lucas não conseguiu sorrir.

– Logo farão uma vacina... – falou mais para si mesmo do que para ela.

Mais tarde, sentou-se com os colegas no horário de almoço.

– Os pacientes não param de falar da Covid... – comentou Lucas.

Mariléia se pôs a falar:

– Tenho evitado os jornais de TV desde o mês passado. Essas notícias não fazem bem a quem já está em um hospital. Então, faça isso: troque de canal nos horários dos noticiários.

– Não acho uma boa ideia ignorar os acontecimentos... – disse uma das enfermeiras à mesa.

– As pessoas precisam saber o que está acontecendo – Disse outra.

– O problema... – continuou Mariléia, um tanto sem paciência. – É que elas já estão acamadas. Se a doença se espalhar enquanto elas estão no hospital, não será bom nem para a autoestima nem para a saúde delas.

Lucas concordou baixinho. Já podia imaginar o caos. As pessoas com medo. Mas também sabia que deveria continuar atento às notícias. As mortes estavam cada vez mais frequentes no exterior e, se o Brasil também enfrentasse uma epidemia, Macapá não aguentaria, ele sabia disso.

– Ainda estamos longe do centro da doença... – Lucas começou a falar. – Vamos torcer para que demore a chegar aqui.

– Nos outros países, as coisas estão começando a ficar feias...

– Vários voos para a China já estão sendo cancelados.

– Até os cruzeiros estão em quarentena.

– Já pensou o mundo todo em quarentena?

Todos ficaram em silêncio na mesa. Lucas pensou em seus carnavais, as festas de samba, suas saídas...

– Vocês não estão levando a sério... – Mariléia falou novamente. – Estamos em Macapá, mas as coisas estão piorando no Brasil. Só São Paulo já tem mais de 150 casos confirmados; vi isso ontem no jornal.

– Ao que parece, esses são os casos confirmados; os suspeitos passam de 1.500... – outra enfermeira complementou.

– Sim, e no Brasil todo já são mais de 230 casos confirmados, de acordo com o Ministério da Saúde...

– Se as coisas estão avançando assim tão rápido, é melhor irmos nos preparando; não deve demorar para o vírus chegar com tudo a Macapá.

Lucas engoliu o arroz com dificuldade.

O Amapá poderia ser distante do eixo Rio-São Paulo, onde tudo acontecia primeiro no Brasil, e podia sim ser

considerada uma grande ilha, devido ser isolado por rios e não ter estradas de ligação – mas nem por isso o contato com o resto do país era inexistente, ainda existiam barcos, navios e aviões, claro. As coisas estavam tranquilas somente agora. Era uma questão de tempo.

O governo de São Paulo começou a cancelar eventos públicos culturais e esportivos. *Se isso acontecer aqui, acabou minha felicidade*, pensou Lucas novamente. As medidas começavam a se intensificar; idosos começavam a trabalhar de casa, e centros de convivência eram fechados para evitar a disseminação da doença entre as pessoas de maior risco.

Lucas tinha 28 anos; acreditava que não precisava se preocupar, acreditava nisso com todas as suas forças. Ou era o que queria acreditar.

– Não sei se vocês sabem... – Mariléia continuou, e abaixou a voz a quase um sussurro. – Mas... o governo está escondendo alguns casos suspeitos aqui no estado para não assustar a população e não criar pânico.

– O quê?! – uma enfermeira gritou.

Sua chefe suspirou.

– Tá vendo? É por isso que o governo esconde... – continuou ela. – Alguns casos já foram descartados, de acordo com análises enviadas para Belém, no Pará. Mas... ainda existem mais de 20 suspeitos, só em Macapá. E essa logística para descobrir se é ou não Covid-19 é muito demorada porque ainda não temos testes aqui, então podemos ter os primeiros casos confirmados aqui.

Todos ficaram em silêncio, pensando consigo mesmas sobre o futuro.

Lucas voltou para casa naquela noite um pouco menos animado. As notícias estavam mesmo piorando, o que o deixava apreensivo. Ainda bem que, naquele dia, seus amigos de casa se reuniram para uma comemoração de aniversário na varanda. Em sua casa, moravam quatro pessoas, e mais alguns amigos viriam de fora para ouvir música, jogar, conversar e tomar drinks. Talvez fosse um bom momento para esquecer os problemas.

Chegou às sete da noite, pronto para tomar um banho e tirar o peso do trabalho do corpo. Se já havia suspeitos na cidade, o certo seria começar a ter cuidado desde já, ele pensou. Subiu as escadas para o segundo andar, onde ficavam os quartos, mas estava tudo muito silencioso. Até que ouviu vozes no terceiro andar, onde ficavam a cozinha e a varanda a céu aberto.

Lá estavam os seis amigos de longa data: os quatro que moravam com ele e mais dois de fora. Todos conversavam em cadeiras espalhadas pelo pátio, enquanto uma TV era posicionada para colocar músicas e clipes ou, talvez, jogar algum jogo de dança, o qual todos gostavam. Era uma rotina se reunirem aos finais de semana, e as vezes até no meio da semana – o que ninguém reclamava quando podia.

– Vai tomar banho, Lucas! Ainda está vestido de branco! – um dos amigos gritou, já com um copo na mão.

– Olha a Covid! – outro brincou. Era uma brincadeira constante, já que as coisas ainda não estavam tão preocupantes fora dos hospitais.

– Ai, gente, as coisas estão cansativas no trabalho, viu... Eu mereço tomar uma taça de vinho antes.

Ele se aproximou da mesinha posta com garrafas, copos, bebidas e alguns pães para petisco.

– Como estão as coisas por lá? Mais algum caso suspeito? – perguntou outro amigo. Ele sempre perguntava, era um dos que se preocupava, por ser jornalista e estar por dentro das notícias no mundo.

Lucas tentou responder enquanto mastigava um pão.

– Existem alguns casos suspeitos, mas nada muito preocupante por enquanto.

– Já existem casos suspeitos?! – uma amiga se aproximou.

– Não contem para ninguém... O governo não quer criar caos, mas já existem vários casos suspeitos sim.

Um de seus amigos, que também era enfermeiro, começou a falar.

– Um assistente da viatura em que trabalho estava comentando sobre isso ontem. Conversam sobre a doença quase todos os dias. Mas ainda não tivemos muitos casos de doença respiratória para socorrer.

Lucas concordou e voltou a falar.

– Se no SAMU já aparecem casos que podem ser Covid, imagina no pronto atendimento de um hospital público, Andrei?

– Daqui a pouco, nem venho mais para cá – outro amigo, um dos que moravam em outro bairro, falou. – Vocês dois têm muito contato com gente doente!

Andrei riu.

– A gente se protege, né? – disse ele.

– Eu preciso tomar um banho mesmo – Lucas disse por fim. Falar de tudo isso começava a lhe encher de preocupação e pensar nas medidas que deveria começar a tomar logo.

Já ia saindo da varanda, quando um de seus amigos ligou a TV no noticiário das sete da noite. Lucas passaria direto, mas o tom da repórter era sério demais para ignorar. E a palavra que todos temiam tinha sido mencionada.

Todos congelaram ao ouvir e ficaram em silêncio.

“Depois de mais de 118 mil casos confirmados em quase 200 países, e 5 mil mortes no mundo todo, o Diretor da Organização Mundial de Saúde, a OMS, declarou hoje, pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. A mudança de classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à disseminação geográfica rápida que a doença tem se apresentado...”

Todos os temores de Lucas passaram por sua cabeça na hora. Os sambas. As festas. Os plantões que fazia quase todos os dias. Podia sentir o terror crescer em seu peito. Uma pandemia mudaria tudo.

11 DE MARÇO

Organização Mundial de Saúde declara pandemia da nova doença chamada de Covid 19. Mudança de classificação obriga países a tomarem atitudes preventivas contra o novo coronavírus_

17 DE MARÇO

A Secretaria Estadual de Saúde confirmou a primeira morte no país em decorrência do novo Coronavírus na cidade de São Paulo _

20 DE MARÇO

Amapá confirma 1º caso positivo de coronavírus em Macapá. Paciente era uma mulher de 36 anos e os infectados em todo o país superam os 650_

ESTADOS COMEÇAM A IMPLEMENTAR
RESTRICÇÕES E PARALISAÇÕES PARA
EVITAR A PROPAGAÇÃO DA COVID-19_

parte 2

ENTRE GRITOS
E SILÊNCIOS_

ANDREI

Andrei subiu os degraus para dentro da central de urgência e emergência de Macapá para sua próxima noite de plantão – nada pronto para ela, ousava dizer. Podia sentir o nervosismo crescer dentro de si, subindo pelo estômago à garganta, era assim todos os dias agora. Desde o primeiro caso positivo em Macapá, muitos outros surgiram como se fossem um dominó empurrando o outro em procissão. E cada plantão era como um terror à espreita.

Chegou ao patamar e ficou ali por um logo tempo, pensando na situação em que estava. Era tão estranho sentir essas sensações que não era acostumado. Um colega de trabalho de outra sede passou por ele e o cumprimentou após jogar um cigarro fora, o que renovou sua coragem um pouco. Ele também estava enrolando para entrar.

– Não vai entrar? – perguntou o amigo.

Andrei fingiu estar procurando qualquer coisa na bolsa.

– Entro em um instante – respondeu.

O colega o observou por um instante. Era um dos enfermeiros chefes de viatura da zona oeste, sabia o que passavam desde o início.

– Consigo avistar o chefe preparando algo daqui...
– ele comentou.

Andrei levantou os olhos para a janela e pôde ver o Chefe da base de emergência. Era o motivo de estar enrolando na entrada, todas as vezes que o chefe aparecia havia algo de mau presságio em suas palavras. *Más notícias*, pensou.

– Sim, provavelmente más notícias – falou o colega, como quem pudesse ler mentes. – Como se já não bastassem as más notícias todos os dias na TV.

Aulas suspensas. Serviços não essenciais fechando cedo. Infectados todos os dias, e claro, mais de 11 mortos até ali, estavam entrando o mês de maio – mês de seu aniversário – e tudo ainda eram más notícias. Andrei estava por dentro das más notícias do mundo inteiro, sim. E por isso estava receoso para entrar, embora soubesse que em instantes seria obrigado a entrar para mais uma reunião de emergência. Era sempre isso quando o chefe os reunia.

– Quando vamos nos acostumar? – perguntou por fim.

O colega, mais velho que ele, o olhou com sabedoria.

– Não vamos. – respondeu, sorrindo. – Vamos entrar e terminar logo com isso.

A sala de entrada estava cheia. Andrei tinha que se trocar e vestir os equipamentos de proteção para começar o dia, os profissionais que se apuravam diante do chefe, ansiosos pela notícia, estavam todos paramentados.

A voz autoritária ecoou de repente.

– Quero todos no auditório agora, preciso dar alguns avisos estratégicos. – O chefe o percebeu entrar. – Andrei, se prepare apenas após o aviso, em 15 minutos seu time deve estar na rua. Não vai demorar muito.

Andrei tentou ficar calmo. Chegava a ser engraçado como aquela segurança e os sentimentos contidos que havia nele antes da pandemia já não existiam mais. Era um esforço diário tentar se manter calmo. Apenas assentiu ao chefe e seguiu para o auditório junto com os outros – quase 20 funcionários de todas as sedes do SAMU estavam ali para ouvir o chefe.

O responsável por todas as sedes de urgência e emergência em Macapá era um homenzinho truncado, porém de aparência forte e séria, seu comando nunca foi questionado e conseguia organizar as coisas com muito esmero sempre, sem ser questionado. Sua autoridade era palpável em seu olhar reto, seus queixos firmes e a voz rouca da idade. Era sabido que ele estava por dentro de tudo que acontecia no setor de saúde do estado, devido à proximidade dele com os governos, então o quer que quisesse falar para todos com certeza viria com novidades sobre a pandemia. Andrei o viu conversar com alguns outros médicos que estavam próximo do palanque no qual daria seu aviso. Era assim todas as vezes e isso não o deixava menos nervoso.

O chefe subiu para ficar acima de todos e franziu o cenho antes de começar.

– Sabemos que o SAMU não se relaciona diretamente com casos de Covid, somos mais de casos

traumáticos – falou, sem qualquer cerimônia. – Mas nossos casos rotineiros de emergência estão começando a se envolver cada vez mais com a pandemia.

Andrei lembrou dos casos rotineiros, acidentes de trânsito e pessoas passando mal, os quais geralmente eram os casos atendidos pelo SAMU, e ao lembrar-se, percebeu que muitas pessoas que passavam mal eram em sua maioria casos de Covid, certamente o chefe já estaria pensando em estratégias para lidar com elas. Até aquele momento, já havia mais de 500 casos positivos em Macapá, sem contar os que vinham do interior do estado para tratar-se, era de se esperar que casos rotineiros de pessoas com falta de ar cresceriam também.

O chefe parou, como que pensasse em como dizer.

– Olha... sei que é difícil para todos nós ouvirem isso – limpou a garganta. – Mas as coisas estão feias. Muito feias. E, sinto dizer, estão piorando e ainda vão piorar mais. Por mais que centros exclusivos para a Covid-19 tenham sido criados na cidade, como na Maternidade da Zona Norte e no Hospital Estadual de Santana, que é a cidade mais próxima daqui, não estamos dando conta.

Os murmúrios começaram. Conversas baixas fofocavam das situações que se agravavam nos postos de saúde e no hospital de emergências da cidade, o maior hospital público que havia. Falavam também das contenções que o governo fazia todos os dias para tentar frear o contágio, e das mortes que nem sempre eram anunciadas ou contabilizadas. Andrei sabia que havia mortes que nem sempre eram anunciadas ou

contabilizadas, mas tentava não piorar a tensão do dia pensando sobre isso.

– Os postos de saúde estão cada vez mais lotados, e como vocês sabem, os casos de emergência estão cada vez mais sendo de casos respiratórios. Precisamos nos preparar cada vez mais... Vocês sabem já que o Hospital Universitário, que está em construção no campus da Unifap vai abrir para comportar mais leitos de UTI e oxigênio, não sabem?

Andrei tentou manter-se calado diante de mais murmúrios. Já tinha ouvido falar sobre isso. O Hospital Universitário da Universidade Federal do Amapá estava sendo construído há algum tempo como um grande empreendimento, e ainda faltava muito para ser concluído. Contudo, devido à pandemia e a urgência para cuidar dos casos, ele iria abrir uma ala de modo imediato para que pudesse comportar mais gente. Seria uma ajuda e tanto, Andrei sabia.

Todos ali sabiam como as coisas pioravam, não só no Brasil como no Mundo. Ainda em março, quando os primeiros casos surgiram em Macapá, havia indícios de que testes de vacina contra a covid-19 estavam sendo feitos nos estados unidos, o que reanimou as esperanças de que tudo isso duraria apenas alguns meses, mas não havia previsão para elas no Amapá. Até médicos estavam morrendo, na Itália 100 morreram por conta da doença. E mesmo o povo indígena não estava a salvo. Uma criança Yanomami havia pegado a doença e morrido logo após.

Além disso, as medidas de contenção foram se agravando ainda no mesmo mês, com distanciamentos sociais, escolas de ensino fechando e locais públicos como shoppings, bares, feiras, cinemas e tantos outros fechando ou restringindo horários. O Brasil também havia adotado as mesmas medidas, e o Amapá também, afinal, o primeiro caso de morte no estado aconteceu apenas quinze dias depois do primeiro caso positivo ser computado. Não demorou muito para que o mundo todo estivesse em isolamento social. Cidades inteiras paravam a todo momento.

E mesmo assim, pensou Andrei, as coisas só pioravam. Sentiu seu peito afundar ainda mais ao lembrar de tudo isso.

Depois, em abril, o congresso brasileiro criou um auxílio emergencial de 600 reais por mês, a fim de diminuir os danos financeiros que o isolamento social causava na economia e na saúde das pessoas. Ainda assim, houve muitos problemas, como o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta deixando o cargo por conta dos desacordos entre ele e o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Agora, havia um novo ministro a cada semana e um novo caos a cada dia, e seu chefe continuava dando más notícias a cada semana.

Lembrava-se muito bem do primeiro caso que soube, uma pessoa conhecida em Macapá, quase como uma celebridade local, e como a cidade é pequena e notícias voam rapidamente, todos da área da saúde ficaram sabendo quando o caso chegou no Hospital de Emergências

do Estado, o famoso HE. Era tão estranho para ele. Esse foi o estopim dos casos e o estopim de sua derrocada. Não era mais o mesmo, tinha certeza.

– Para adaptarmos nossas funções com a piora dos casos. Vamos criar dois grupos. Cada sede de cada zona da cidade terá dois grupos. E, claro, duas ambulâncias em ação. Uma será apenas para casos corriqueiros de traumas e casos clínicos, e outra apenas para casos suspeitos de covid.

O murmúrio aumentou na sala. Havia tempo que os adultos ali não escondiam mais os temores, como crianças ansiosas ao perigo.

– Silêncio gente – o chefe gritou. – É bom que vocês prestem bem atenção.

Andrei respirou fundo, torcendo para não estar no grupo da Covid.

– Então – continuou –, se a pessoa que ligou para o SAMU reclamar de febre ou falta de ar, já sabem. A equipe telefonista será responsável por indicar isso para os times em campo. Essa equipe terá que ter extremo cuidado e obviamente ir com toda a paramentação de proteção necessário. Cumprindo também as higiênes.

Isso já fazíamos, pensou Andrei.

– Espero que todos compreendam. Os times se revezarão, então todos estarão expostos, que foi o que pensamos para que fosse justo a todos. Então por favor, tomem extremo cuidado ao atender os casos.

Não só as pessoas leigas e comuns tinham medo de sair de casa e expor-se às outras pessoas hoje em dia. Andrei sabia bem que todos ali tinham medo. Então o medo seria compartilhado.

– Faremos uma sala apenas para despejo de materiais e vestimentas pós atendimento. Ao chegarem do plantão, peço que se limpem adequadamente, guardem os equipamentos nos tonéis e troquem de roupa. E tomem outro banho ao chegarem em casa.

E após o banho, trocar a roupa da rua novamente, Andrei pensou. Era assim que fazia normalmente. Seu cuidado nunca era pouco. Morava com seus pais e irmão, não poderia sonhar em se infectar e muito menos infectar sua família.

Era tão estranho para ele, toda essa preocupação. Não era assim nos tempos normais pré-covid. Não havia riscos grandes de contaminar os entes queridos. Não havia temor a cada canto. O tal do “novo normal”, como começavam a chamar os comportamentos durante a pandemia, havia chegado de vez. Era normal lavar-se ao chegar em casa. Era normal manter a distância e espirrar álcool por todo lado. Era normal lavar as mãos e as compras do mercado por conta da possibilidade de o vírus estar nas superfícies – afinal era assim que era dito que ele proliferava além das gotículas no ar. Parecia agora que tudo e todos os lugares eram perigosos. Em por conta de seu trabalho, tinha que ter o dobro do cuidado.

– E eu preciso avisar vocês de como será a situação na cidade a partir de agora.

As pessoas ali fizeram silêncio de súbito.

– O governo do Amapá irá decretar Lockdown amanhã, em todo o estado. Todos os municípios.

Ninguém conseguiu dizer nada. O murmúrio havia sumido. Finalmente era a vez do Amapá entrar no tal do Lockdown, que era um termo em inglês que vinha sendo usado para descrever medida extrema de fechamento de regiões do mundo, para obrigar o isolamento social e a quarentena. Já havia acontecido na China, em janeiro, e na Espanha, Itália e Alemanha em março. No Brasil, já havia algumas cidades no Maranhão, e Fortaleza e Belém em Lockdown. Mas o Amapá seria o primeiro a ser em todos os municípios. Andrei só suspirou. *Talvez as coisas melhorassem? Acabariam as aglomerações afinal. Acabariam os rolês com os amigos na casa do Lucas?*

– Como de praxe... – O chefe continuou. – As pessoas estarão proibidas de andar por lugares públicos. Fazer reuniões com qualquer número de pessoas em lugares privados também. – Andrei engoliu em seco. – E haverá rodízios de carro e barreiras em algumas ruas. As máscaras serão obrigatórias também, e apenas trabalhadores essenciais, como nós, serão permitidos na rua. A notícia sairá para todos com o decreto amanhã.

Tudo ia mudar ainda mais, Andrei não pôde deixar de pensar. *Quem sabe com menos gente na rua, as emergências também diminuíssem?* Pensou.

Observou o chefe voltar-se para a TV atrás de si. Havia uma tabela semanal exposta, com nomes divididos por ambulância. Os outros profissionais na sala começaram

a se mexer, tentando ver quem teria a sorte de entrar com a ambulância para Covid naquela semana. Tão de repente.

– E agora vamos anunciar a primeira equipe para casos suspeitos de Covid. Os outros tomarão lugar na próxima semana.

Andrei aproximou-se lentamente. Sua chance, claro, era de 50%, então não havia muito como fugir da responsabilidade. As coisas estavam mudando sem seu controle, aceitaria qualquer destino. Era um dos poucos enfermeiros chefes do SAMU, uma hora ou outra seria sua vez.

Empurrou um dos colegas que estava à sua frente para chegar à TV.

E, como temia, seu nome estava no primeiro time de Covid criado para o serviço de atendimento municipal de urgência da cidade.

LUCAS

Quando a décima paciente do dia entrou sem ar e às pressas no pronto atendimento do hospital, Lucas não soube o que fazer. Os leitos já estavam todos lotados e todos os seus colegas estavam ocupados. Ele era o responsável do dia por acompanhar os recém-chegados, mas cada vez mais se via sem ter para onde levá-los.

Nem parecia que alguns meses atrás estava dizendo para si mesmo que as coisas melhorariam. Diante do caos ao seu redor, era quase como uma grande piada sem graça para todos que duvidaram. Todos os dias eram pesados e corridos no hospital particular que trabalhava.

Imagina como deve estar o HE, meu Deus, pensou consigo mesmo, lembrando do caos do Hospital de Emergências de Macapá que era noticiado todos os dias.

Quando a mulher chegou em suas mãos, teve que procurar um espaço para que ela aguardasse na sala de leitos mais próxima. Agora eram tantas. Após quase seis meses desde o primeiro caso em Macapá, as coisas haviam mudado demais. Muitas clínicas especializadas dentro do hospital fecharam para se transformarem em leitos para Covid. E mesmo assim, havia um colapso na saúde do estado inteiro.

O país inteiro não tinha estrutura para uma pandemia, isso todos já meio que sabiam antes de tudo explodir. Mas ninguém imaginaria que seria tão difícil.

Lucas ouvia as histórias do HE, onde pessoas se apinhavam pelos corredores devido à alta demanda, era assim nas unidades de saúde e nos centros exclusivos que foram criados para Covid também, onde havia cenas de pacientes dividindo leitos com corpos de vítimas da doença. Faria de tudo para que isso não ocorresse ali.

Mas que poder ele tinha? Pensou.

Ficava ainda mais frustrado diante das situações que ocorriam fora dali. Desde o lockdown decretado em maio, a capital e o interior tiveram medidas duras para evitar a circulação de pessoas, com rodízios de veículos e proibições de funcionamento de aglomerações após as 19h. Era tão claro o motivo disso, as mortes só aumentavam. Mas ainda assim, havia pessoas que faziam aglomerações e por conta disso os hospitais se entupiam ainda mais de casos da doença, que já chegavam à marca de 40 mil casos no estado. A situação era mais do que frustrante, era desoladora.

Enquanto empurrava a cadeira de rodas da mulher que aguardaria por atendimento, lembrar-se disso lhe causava repulsa. Ele sabia o quão lotado estavam os hospitais. Ele sabia a dificuldade que passava todos os dias. O lockdown acabara em junho, o comércio voltou a funcionar lentamente, eventos voltaram a funcionar com medidas rígidas, mas os casos ainda existiam. As taxas de internações diminuiriam, mas não deixaram de existir.

A mulher começou a forçar ainda mais a respiração.

Lucas gritou para uma colega.

– Diana, por favor, ajuda aqui!

A enfermeira estava ajustando os respiradores de um paciente deitado em um leito em meio ao corredor do hospital.

– Já verificamos a saturação, mas ela precisa...

– Lucas – ela interrompeu, falando baixinho. – Não temos mais lugares...

Ele podia ver no rosto da colega o quão dolorido era dizer aquilo. Sentiu uma veia em sua têmpora tremer com a informação, olhou para Diana como que pedisse por ajuda, sem amedrontar a paciente que pedia silenciosamente por socorro.

Ficaram ali parado os dois, por alguns segundos demorados, ambos perdidos. Lucas viu Diana olhar para o corredor que estava começando a lotar de pessoas esperando por leitos, todas com dificuldades na respiração e um unísono de tosses que ecoavam no hospital inteiro. Ele balançou a cabeça, sem falar nada.

Olhou para mulher na cadeira, ela ainda não havia percebido a batalha silenciosa em sua frente. Mas ele pôde notar que ela já respirava melhor, então talvez conseguisse ser mais uma na fila de espera do corredor.

Sem dizer mais nada, ele virou para o caminho contrário, deixando Diana sozinha. Voltou lentamente para o pronto atendimento, aonde mais pessoas chegavam a todo instante. Ao virar um corredor, percebeu que havia leitos vazios no quarto à direita, não pareciam exatamente vazios, mas recém ocupados por pessoas que ele não sabia se voltariam ou não.

Outra colega passou por ele e entrou no quarto. Ela se direcionou de maneira apressada nos leitos vazios, arrumando os lençóis e travesseiros amarrotados. Os braços da colega carregavam álcool 70% e luvas pesadas, o padrão para manipular objetos possivelmente infectados.

Ela então o percebeu, esperando na porta. Seus olhos se encontraram entre as viseiras enormes que agora tinham que usar para também proteger os olhos de gotículas expelidas pelos doentes – as proteções eram tantas, máscara N95, viseiras, toucas, roupas de enfermagem grossas e pesadas.

Finalmente fez sinal para levar a paciente à cama.

– Obrigado! – ele gritou. – O que aconteceu com quem estava ocupando aqui?

A colega somente balançou a cabeça em negativa.

– Existem mais pacientes esperando no corredor – ela comentou. – Mas leitos são liberados a todo momento também...

Ele entendeu o que ela dizia. Pessoas ainda estavam morrendo a rodo.

De repente, uma senhora mal paramentada, com os cabelos brancos lisos e soltos e apenas uma máscara cobrindo seu rosto, entrou correndo no quarto. Parecia ser a mãe de alguém.

– Vocês não podem deixá-la aqui! – ela gritou quando avistou a mulher na cadeira à frente de Lucas.

Um grupo de assistentes de enfermagem entraram atrás dela. Como quem perseguindo após deixar escapar uma presa.

– Essa sala está lotada!! – A mulher gritava e apontava aos outros leitos da sala. Havia mais cinco pacientes próximos uns dos outros naquela sala.

– Calma, senhora! – Lucas tentou falar. Era ele quem carregava a mulher, afinal. – Não temos mais leitos disponíveis, esses são os únicos que...

– Você não entende! – ela interrompeu, os olhos marejados, mas repletos de indignação. – Eu pago o plano de saúde! Pago por enfermaria, quarto próprio! Não vou deixar minha filha ficar em um lugar onde os riscos são maiores!

Os outros enfermeiros tentaram intervir.

Mas a mulher aumentou a voz.

– Eu não quero saber de leito compartilhado! Chamem o gerente do hospital!

Lucas estremeceu.

Como pode uma pessoa não ter noção da situação que estava o hospital? Pensou.

– Você não consegue ver como está o corredor? – perguntou ele. Aumentando o tom de voz também.

Ela ficou calada. Ele abaixou a voz novamente.

– Pessoas estão morrendo a todo momento. Existem filas de espera! Sua filha tem plano de saúde, mas neste

momento não há nenhuma regalia que diferenciem as vidas nesse hospital!

A mulher não se deixou vencer.

– Eu não quero minha filha aqui, eu vou atrás do gerente...

E saiu. Com todos os outros enfermeiros atrás dela, tentando contê-la de modo amigável.

Lucas tentou se segurar. Aquilo o deixara angustiado demais. Queria chorar. Queria gritar. Toda essa situação e ainda existiam pessoas do tipo. Pegou a mulher na cadeira e tentou colocar na maca. Dali não sairia. Ou era isso, ou era o corredor. Sua colega ainda estava ao seu lado, ajudando a pô-la no lugar. Então ela disse baixinho.

– Não liga para isso Lucas, faremos nossa parte apenas...

– Eu não consigo, Clara. É muito injusto...

Ela suspirou, enquanto embrulhava a mulher e tentava contar seus batimentos cardíacos com a mão no pulso.

– Ela está com medo de perder a filha. Algumas pessoas perdem a noção diante do medo e da situação...

Lucas sabia, mas...

– Tente se pôr no lugar dela também – ela insistiu.

– E por que ela não se põe no lugar das pessoas que estão aqui morrendo? Precisando também de leitos?

– Lucas, ela é uma senhora. Sua filha está mal, você acha que alguém angustiado conseguirá pensar racionalmente?

Ele ficou calado.

– Tudo bem você achar injusto... – ela continuou cuidando da mulher. – Mas nada nessa pandemia é justo. Não há justiça quando a natureza está apenas sendo a natureza. Nós só temos que aceitar e tentar lidar com as situações da melhor forma.

– Mas...

– Não há “mas”! – Clara falou mais alto. Ela era uma enfermeira mais velha que Lucas, embora não muito. Mas era enfermeira há mais tempo que ele, apenas assistente. – Você é o profissional aqui, comporte-se e apenas tente confortar a mãe angustiada...

Lucas percebeu o tom firme, mas não com grosseria. Ele sabia o que ela queria dizer.

– Perdão, Clara. E obrigado...

Deixou a mulher com a colega e saiu do quarto, em busca da mãe. Não foi tão difícil encontrá-la, sua voz alta continuava a ecoar “plano de saúde” em todos os corredores.

Quando a avistou, ela chorava diante da gerente do hospital, que apenas a observava com olhos acalentadores.

– Eu estou pagando caro! Não consigo... – a senhora dizia.

– Minha senhora. Sinto muito por você ver sua filha nesse estado. – A gerente era uma mulher cansada, em seus mais de 50 anos. Mas todos no hospital a adoravam, por seu jeito gentil. – Mas temos também muitos pais pagantes do plano que nem sequer estão conseguindo leitos. Agradeça por sua filha estar em um.

A senhora voltou a chorar.

Lucas tentou se aproximar. Mas a gerente pegou as mãos dela com todo o carinho do mundo, tentando acalmá-la.

– Sabemos que a situação é difícil, mas sua filha foi estabilizada e está nas melhores mãos. Os médicos estão observando todos, até mesmo os dos corredores.

– Vamos observar seus sinais constantemente – um enfermeiro próximo falou. – Qualquer sinal de piora, os médicos saberão e levarão ela para as UTIs.

Lucas sabia que não seria tão simples assim, mas manteve-se quieto. Observando a mulher limpar as lágrimas.

– Eu pago tão caro nos planos para todos nós... – ela se limitou a dizer. Ainda chorava.

Por mais que tentasse, ele não conseguia simpatizar. Lucas não tinha plano. Seus pais não tinham planos. Nenhum de seus amigos que estavam presos em sua casa tinham planos. Ele sabia o quão pior era sem plano de saúde. Naquele momento todos eram iguais. Se ela conseguia pagar, e tinha esse privilégio, ela também

poderia aguentar ao saber que havia tantos outros em pior situação. Apenas suspirou.

A gerente acompanhou a mulher de volta para o quarto. Já mais calma com a situação.

Lucas virou-se e retornou para o pronto atendimento para receber os próximos pacientes. Passou novamente pelos quartos lotados, e os corredores com pessoas esperando. Olhou para os profissionais que corriam para todos os lados. Viu outras mães chorando suas perdas. E respirou fundo.

Não havia o porquê se irritar, de fato. As pessoas não estavam em sã consciência. Nada naquilo era normal. Nada daquilo eram situações aceitáveis. Todas as reações eram verdadeiras, justas ou não.

Chegou na porta para entrar no pronto atendimento, quando avistou Clara, a enfermeira colega que ficara com a filha da senhora do plano de saúde.

– E então, como ela está?

Clara suspirou, sua cara demonstrando frustração.

– Ela morreu, Lucas.

– O que?!

– Depois que você saiu, ela teve uma crise respiratória, e estamos sem respiradores. Quando a mãe chegou, não havia nada mais a se fazer... Eu saí de lá o quanto antes.

Lucas lembrou-se novamente da senhora em prantos. E sentiu seus olhos encherem d'água. Mas antes de

dizer qualquer coisa, ouviu a voz da senhora novamente, que passou a reconhecer tão mais. Mas dessa vez estava ainda mais alta que antes, em meio à soluços de choro.

– Minha filhinha! Minha doce Filhinha!

E não havia nada que ele pudesse fazer.

MARILÉIA

Enquanto digitava mais um relatório, ouviu ao longe mais um choro em meio à gritos altos de uma mãe perdendo um familiar. Era o terceiro só naquele dia. Não se acostumaria nunca com aquele som, fadado a ficar na memória até nas horas mais tranquilas.

Sentiu seu celular tocar no bolso.

– Mãe, a família do papai chegou. Mas o vovô não está bem...

Ela tentou manter a calma.

– Espera... – respondeu a sua filha com a voz firme.
– Me conte do início, eles chegaram quando?

– Agora de manhã, estão a caminho de casa.

Mariléia não esperava por isso. Sua família viria de Belém do Pará ainda essa semana, e ela não estava preparada. Tinha que arrumar a casa, preparar os hóspedes. Além de seu marido, que estava para lá visitando a família desde antes da pandemia, havia também seus sogros e seus pais já velhinhos, que nunca se desgrudavam.

– E o que seu avô está sentindo?

– Ele chegou de máscara e tudo, mas está com febre. Nenhuma tosse ainda, de acordo com eles... Estou preocupada mãe.

– Calma, tragam ele aqui para fazermos os testes. Demora um pouco para sair os resultados, mas é o melhor a fazer agora.

– Certo, vou falar com o meu marido e assim que chegarem em casa, vamos ao hospital.

– E por favor, já protege tudo aí. Agora sabemos que passa pelo ar, se for Covid mesmo, teremos que usar máscaras todos os dias.

Mariléia mal podia esperar pelas vacinas que estavam pesquisando em outros países. Mas a queda de casos a acalmava. Ouvira falar que o governo do Amapá já até pensava em fechar os centros de Covid-19. Era animador pensar que tudo podia estar acalmando finalmente. Mas com seu sogro doente, as coisas pioravam para ela.

Depois de desligar a ligação, deu uma volta pelo hospital para acompanhar os passos dos enfermeiros. Como chefe, era seu dever. Mas nos piores dias era tão complicado, não havia leitos, não havia equipamentos, o que poderia fazer? Não podia fugir, tinha que esperar seu sogro chegar.

– Chefe, precisamos conversar...

Mariléia parou com uma das enfermeiras responsáveis pela ala 1 de UTI.

– O que aconteceu?

– Tivemos a terceira morte só hoje, precisamos conversar com os diretores do hospital para criarem uma ala apenas para Covid, com novas unidades de leitos e UTI.

– Já conversamos sobre isso, Clara.

– Eu sei que já, mas...

– Não conseguiremos fazer isso sem o apoio dos médicos, e você sabe que nem todos são mente aberta para a pandemia em que vivemos, com todo aquele lance de cloroquina que até o presidente preconiza...

– Sim, mas temos os que podem nos apoiar!

– Você ouviu falar que alguns centros vão fechar, não ouviu?

– Sim, o do Hospital Alberto Lima e da maternidade da Zona Norte...

– Certo. Isso está acontecendo porque o pico de casos passou e estamos em queda. Então isso pode aliviar os ânimos dos médicos e nos fazer lutar à toa, não é uma boa hora para irmos atrás deles e principalmente dos diretores.

– Mas e se isso for apenas temporário?

– Não é. É uma fórmula matemática. E já existem vacinas sendo produzidas até no Brasil. As coisas vão melhorar.

Mariléia pensou para si, em como queria muito que isso fosse verdade. O pico de casos da Covid aconteceu em julho, onde houve o maior registro de óbitos de toda a pandemia, quase 10 mil pessoas em apenas sete dias em

todo o país. Agora tudo estava decaindo. *São bons sinais*, disse ela para si. Mas no fundo seu coração tinha medo. No início de agosto, o Brasil atingiu 100 mil mortes no total, o senado federal até decretou luto oficial de quatro dias no Congresso Nacional. As três mortes do dia não eram nada comparadas com as diversas mortes que aconteciam por dia alguns meses atrás, quando o Amapá entrara em lockdown.

– Houve picos em outros países, dona Mariléia. E eles voltaram meses depois, novos picos. Novas ondas.

Mariléia suspirou, tirando o foco de seus pensamentos positivos.

– Vira essa boca para lá, menina. – E saiu andando pelos corredores, sem paciência para mais negatividades.

Ouviu Clara ainda falar no fundo, mas não deu ouvidos. Ela suspirou.

– Minha filha... Vamos dar algumas semanas. Depois conversamos sobre isso.

Ainda tinha que estar sã para quando seu sogro chegasse. Se fosse Covid, o caos se instalaria até mesmo dentro de sua casa.

Sua filha a encontrou no hall de pronto atendimento do hospital pela tarde. O sogro e o marido estavam juntos.

– Como ele está? – Perguntou enquanto abraçava o marido, não se viam desde março. Estava com um aspecto terrível, ela não deixou de notar.

– Ele começou a tossir no caminho para cá... – o marido respondeu. Seu pai estava em uma cadeira de rodas, tossindo e respirando forte, porém carrancudo como sempre.

– Eu estou bem, parem de frescura! – disse ele, com raiva. – É só uma gripe, vocês vão ver.

Mariléia ouvira tantas vezes essa mesma frase.

– Mãe, vamos fazer a triagem e encontramos a senhora lá dentro. – A filha se aproximou. Mariléia percebeu que ela tremia. Estava magra.

– Onde está seu marido?

– Está estacionando o carro e fará companhia em breve.

– Acho melhor vocês irem para casa, quanto mais gente exposta aos vírus no hospital, mais perigo.

A filha reclamou.

– Se for Covid que meu avô tem, de nada adianta...

– Vocês estão de máscara, e vai proteger vocês bem em casa. Mas aqui todos os lugares estão infectados, não podem aumentar o risco de todos em casa contraírem a doença.

A filha ficou quieta.

– Tudo bem mãe, você está certa. – Ela parou um pouco como quem pensa no que fazer. – Eu tenho meus filhos em casa, não posso passar para as crianças. Você me avisa quando os resultados saírem?

– Seu pai vai estar aqui e avisa, não é Sérgio?

O marido apenas concordou, silencioso como sempre.

– Eu tenho mais algumas horas de plantão – Mariléia continuou. – Não posso me sobrecarregar. Sério, seu Aldemir, encontro vocês lá dentro...

Apenas depois que foi embora, lembrou-se de perguntar de seus próprios pais. Se eles pegassem a gripe de seu sogro, aí as coisas sairiam do controle. Seus pais eram muito mais idosos.

Mais tarde, seu marido entrou na sala de testes com o pai. Mariléia já os esperava. Ela geralmente não fazia o trabalho braçal, mas queria acalmar o seu marido. Sentiu ele estranho desde que havia chegado.

– As coisas estão mesmo feias por aqui... Vi muitas pessoas no corredor.

– Estão, mas estão melhorando, estavam piores. Você sabe.

– É, me lembro de me falar.

– Não vai ser aquele exame do nariz, vai? – O sogro perguntou. Seu Aldemir estava no início dos sintomas, então ainda tinha forças para reclamar como sempre fazia.

Mariléia riu.

– Infelizmente vai – respondeu. – E você vai ter que ser forte, homem!

– Ouvi falar que é a pior coisa do mundo...

E de fato é, Mariléia pensou. Os profissionais de saúde tinham que fazer quase toda semana, e nunca deixava de ser a pior coisa do mundo.

– Venha logo aqui e deixa de ser frouxo!

O sogro se sentou em uma cadeira à sua frente e levantou a cabeça.

– Tente não fechar os olhos, ok?

O exame consistia em um grande cotonete, o swap, que era inserido nas duas cavidades nasais para recolher amostra para o laboratório. Era incômodo, mas eficaz. Geralmente, as pessoas lagrimavam e sentiam dores pontuais ao passar o swap no nariz e teriam que fazer duas vezes.

Ela pegou o cotonete e preparou a cabeça do sogro. Tentou ser rápida, mas assim que inseriu, ele gritou.

– Se você não se comportar, vamos ter que repetir, e vai ser ainda pior, seu Aldemir...

Ele começou a lagrimar. E em silêncio, posicionou a cabeça novamente. Ela inseriu rapidamente na segunda narina, e ele apenas fechou os olhos, com a cara carrancuda se tornando uma cara de dor silenciosa.

– Isso é mesmo a pior coisa do mundo...

E começou a tossir novamente.

Mariléia pegou a máscara que ele vestia e a jogou no lixo. Preparou uma nova e a entregou para que trocasse. O marido preocupado, sorria tristemente.

Ela se aproximou e tocou no ombro dele. Falando baixinho.

– Vai ficar tudo bem, amor...

ANDREI

O fechamento dos centros exclusivos de covid em Macapá não significou nada para Andrei. A queda de casos muito menos. Seu serviço ainda era muito puxado, e ele estava em mais uma noite de caos levando um paciente com falta de ar para o hospital de emergências da cidade. Era assim desde aquele dia como primeiro responsável escolhido.

– Peguem o respirador! Eu preciso falar com o motorista – disse para os assistentes.

A ambulância corria com a sirene gritando.

– Preciso que você mude o caminho para o Hospital São Camilo, Edvan.

O motorista não tirou os olhos das ruas, mas franziu o cenho.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Acredito que seja um paciente já em estado grave, precisamos de leitos, e o Hospital de Emergências está lotado demais.

O motorista consentiu baixinho.

Andrei sentiu a ambulância virar de súbito.

– Mas por favor não nos mate no caminho...

E voltou para a cabine. Ainda era o caos na cidade, não havia jeito. Não entendia por que o governo fechara os centros exclusivos, os hospitais continuavam lotados. Havia menos mortes hoje em dia, sim, mas as coisas continuavam complicadas.

Lembrava bem quando começaram, era muito pior ali. Pacientes graves a todo instante, deixavam um no HE e logo partiam para buscar outros para deixar em outros hospitais tão logo percebiam que o HE não comportava mais pacientes. Era claro que tudo estava mais calmo agora, mas depois que os casos diminuíram e o lockdown terminara, o nível de pessoas na rua também aumentava. Todos de máscara e respeitando o distanciamento social, sim, mas ainda havia muitas pessoas que não respeitavam as regras, sem noção das consequências delas.

– Já deixamos pessoas demais no HE – ele falou assim que entrou na cabine com os assistentes.

– Esse aqui não vai aguentar muito... – o mais jovem falou.

– Não fale isso, continue ventilando.

Andrei sentiu o olhar do assistente quando este o mirou preocupado. Já havia perdido tantas pessoas no meio da ambulância, todos estavam traumatizados. Como quando tiveram que tentar ressuscitar uma moça quase de sua idade umas três vezes antes de chegar no hospital.

– Eu não aguento mais isso – o assistente mais jovem segredara certa vez. – Eu definitivamente não quero mais estar na área da saúde...

Andrei apenas concordou.

– Você ainda tem tempo de mudar.

– E é definitivamente o que eu vou fazer, eu não aguento mais esse terror. Até voltar para casa era um terror. Não há descanso.

– Até fazer as compras do mercado é um terror... – o segundo assistente continuou.

– Voltar para casa é mesmo complicado, já que estamos atendendo Covid. – Andrei falou. – Já considerei mudar de casa, mas só tentei ficar no quarto e conversar com meus pais sobre isso. É um pouco solitário, mas dá para viver.

Andrei lembrou do namoro que terminara no início da pandemia, os encontros eram ainda mais difíceis naquela situação.

– Eu me mudei... – disse o segundo assistente. – Estou morando em um kitnet na zona norte.

– Caramba, meio longe...

– E eu vou fazer o que? Meus pais são dois idosos.

O primeiro assistente suspirou.

– Tenho medo da minha mãe pegar algo por minha causa também. Isso é torturante. Ela não iria aguentar.

– Então é só tomar o cuidado em dobro! – Andrei falou. – Não é fácil, mas temos que tomar cuidados em dobro.

Lembrava agora o quão óbvio era o que tinha dito. Andrei não se sentia um bom chefe de ambulância, era claro. Mas pelo menos tentava. Ao ver o olhar do assistente mais jovem naquela noite, doía.

– Ele vai ficar bem, João. Só continue fazendo bem o que está fazendo. – Repetiu para o jovem.

Quando chegaram no hospital, tiveram que esperar a ambulância da frente sair antes de colocar o paciente para fora.

– Rápido, precisamos de um leito com respirador!

O moço que viera atendê-los estava com uma expressão abatida.

– Não temos mais leitos, senhor...

– Andrei!

Sem conseguir sentir a urgência da notícia, Andrei virou e avistou Lucas saindo do hospital. Fazia tempo que não o via, mas aquele não era o momento para reencontros.

– Amigo... Precisamos deixar o paciente aqui.

Não era a primeira vez que Andrei era atendido por Lucas no hospital, e nem a primeira vez que faltava leito.

– Levem para o HU, aqui lotamos. Entrei em contato com o enfermeiro chefe de lá e já concordaram. Ao que parece lá está mais calmo.

– Obrigado amigo!

– Vai com cuidado, nos vemos outro dia.

Quando Andrei voltou a cabine, os assistentes esperavam prontos para levar o paciente para dentro, e notaram a expressão decepcionada.

– Vamos para o HU, agora!

O motorista o ouviu do volante e apressou-se.

– É longe daqui – o segundo assistente falou. – Eu não sei se ele irá aguentar, chefe...

Andrei pegou o respirador ele mesmo.

– Vamos revezar e continuar tentando. É o máximo que podemos fazer.

Mas se não conseguissem. Não seria a primeira vez a ter um óbito dentro da ambulância, e só restava aceitar a situação.

LUCAS

Lucas não aguentava mais aquele dia. Precisava ir para casa. Já havia tido quatro óbitos e muitos casos difíceis de lidar. Seu plantão iria até as 19h aquele dia. E pensar que as 18h e já estava tudo lotado, nem mesmo Andrei conseguira entregar paciente em seu hospital.

Correu para a sala de descompressão para bater o ponto e tirar todo o EPI que carregava no corpo. Precisava de um banho.

– Você está bem, Lucas?

Clara estava chegando para terminar o dia também.

– Acho que sim, apenas cansado...

– O dia foi difícil. – Ela concordou.

– Todos estão sendo.

– Não dá para negar... Não deixa se abalar, por favor, Lucas.

– Vou tentar, obrigado Clara. Acho que chegando em casa eu consigo descansar.

Mal podia esperar para ligar o som de seu computador com os sambas enredos favoritos e esquecer o caos. *Agora posso botar o som bem alto, não tenho vizinhos.*

Havia mudado de quarto em sua casa. Antes, morava no segundo andar, onde a maioria dos quartos

ficavam. Três, para ser exato. Mas para evitar contato com os amigos que dormiam lá, devido ao seu trabalho, ele resolveu ir para o quarto de baixo, um dos quartos abandonados no térreo da casa de três andares. Um deles estava vazio, mas o outro era usado como depósito.

Lembrava-se da dificuldade que foi limpá-lo. Tirar todos os livros velhos, todas as caixas repletas de porcaria. Havia até ratos mortos! O lugar era insalubre, não podia negar. Mas agora estava literalmente em quarentena em sua própria casa. Isso não o incomodava, podia ouvir suas músicas, que todos reclamavam antes. Podia gritar e chorar sem ser ouvido. Podia chegar sem incomodar, tomar um banho gelado para tirar as preocupações, e subir para o terceiro andar sem ver nenhuma pessoa.

A parte de ver nenhuma pessoa ainda era um problema, na verdade. Sentia falta das festas. Sentia falta de ser livre para andar por aí. Deveria confessar que saíra muitas vezes antes durante o lockdown para andar pela orla da cidade sozinho. Não havia perigo se estivesse sozinho. Não haveria contaminação. E era apenas um passeio rápido para ver o grande rio Amazonas e respirar ar puro.

Mas nem isso adiantava.

Lucas, que nunca fora ansioso ou depressivo, agora se via dessa forma muitas vezes. Muitas crises a ponto de deixá-lo louco. Queria sair e não podia. Queria fazer festas e não podia. Por isso fugia escondido. Mas pelo menos, conseguia ouvir suas músicas em paz. Era sua briga consigo mesmo para não se deixar abalar. Tentava sempre dar um

jeito de deixar as coisas melhores, não importava o quanto o dia tinha sido terrível.

E ele tivera mesmo dias terríveis. Aquele mesmo tinha sido um, não superara a morte da mulher logo após a mãe reclamar do plano de saúde. Não aguentava mais aquele dia, só queria ir para sua casa e colocar suas músicas.

Quando deu as 19h, Lucas pegou seu motorista de aplicativo. Agora todos tinham proteções, máscaras e o medo pulsante de serem contaminados pelos passageiros. Principalmente os que vinham de hospitais. Lucas foi quieto e tentou chegar sem reclamações em casa.

– Como está a situação no hospital, senhor?

Lá vem... pensou.

– Estão terríveis. Muitos óbitos. Mas pelo menos está diminuindo.

E foi isso. Todos os motoristas de aplicativos perguntavam isso para ele, e perguntavam e conversavam e falavam por horas. Isso e aquilo. Reclamações dos governos. De como as coisas iam. E das restrições causadas.

Mas aquela noite fora apenas aquela pergunta. *Ainda bem.*

Lucas chegou em casa cedo. O homem que dirigia tentou ir com calma, mas conseguiu um bom tempo no percurso. O que o deixou satisfeito, pois estava louco para apagar aquele dia. Tentara chorar tantas vezes no hospital

e não conseguia. Agora pelo menos teria paz, antes de escutar suas músicas e esquecer o trabalho, claro.

Abriu o portão com calma. Sem fazer barulho. Sabia que seus amigos estavam em seus quartos, quietos vivendo suas vidas, e loucos para saberem mais como andavam as coisas no mundo real. Mas ele evitava falar disso. O que mais queria quando chegava em casa era esquecer o mundo real. E odiava encontrar os seus amigos pelos corredores, sem poder manter uma conversa mais longa por conta do distanciamento.

Estava faminto e subiu as escadas para o terceiro andar sem fazer barulho. Queria ir à cozinha comer algo antes do banho. Pegou o álcool que agora deixavam na escada para limpar tudo que viam, e foi espirrando em sua mão. Mas parou ao ouvir sons de conversas e uma música baixinha.

Deu mais alguns passos até chegar à porta de vidro que separava o corredor da escada. Quando abriu, o som ficou ainda mais alto, vindo do terceiro andar, direto da varanda que dava para a frente da casa.

Uma amiga estava ali reunindo alguns amigos, eram quatro no total. Havia uma caixa de som. Algumas bebidas, copos. E nenhum distanciamento. Todos estavam sentados em um círculo de cadeiras, conversando e rindo.

Lucas sentiu seu coração apertar.

Depois de tudo que havia vivenciado no hospital. Sua amiga chamara amigos para sua casa e estava fazendo aglomeração.

Não é possível...

A amiga o viu e ficou quieta. Ela não era uma de suas amigas de fato, e sim uma conhecida que era amiga de um dos inquilinos, e que se mudara para lá pouco antes da pandemia começar. Se antes ele achava que já não gostava dela, agora sim tinha certeza.

– Saiam!

Gritou.

– Saiam agora!

A amiga ficou calada, em choque.

– Vocês estão ficando doidos?! – Ele repetiu. – Vocês têm noção do que eu tenho passado no hospital? De quantas pessoas morrem todos os dias por causa de pessoas como vocês?!

– Lucas... calma...

– Calma o caralho! Quem são essas pessoas, Bianca? Não tínhamos conversado para não trazer ninguém e respeitar as regras?

– O lockdown acabou já, Lucas.

Ela parecia envergonhada.

– O lockdown acabou, mas a pandemia não! Vocês não veem o que eu vejo todos os dias! Um monte de gente nos corredores, sem leito e sem respiradores. Morrendo nos braços de colegas!

A amiga se levantou sem falar mais nada e começou a arrumar as coisas. Os outros a acompanharam, quietos e assustados.

– Vão embora agora! – Lucas repetiu, ainda mais alto. Sentindo as lágrimas voltarem aos seus olhos novamente, sem serem convidadas.

MARILÉIA

Seu sogro estava péssimo. De cama havia dias, desde o mês passado, quando chegaram de Belém. Os ânimos também não haviam mudado em sua família, afinal havia alguém com Covid dentro do mesmo teto, que, além de tudo, ainda se recusava a ir pro hospital.

Mariléia tinha que trabalhar em dobro.

Além dos problemas no hospital, ao chegar em casa era recebida com perguntas, pedidos de cuidado e até milagres. Seu marido mantinha-se quieto, mas a filha nunca deixava passar a chance de pedi-la para ajudar o avô encamado.

– Ele precisa de um leito... – ela costumava dizer.

– Eu não vou para aquele lugar lotado de ainda mais doenças – o sogro costumava responder.

E de fato ele tinha razão.

Apesar de todos os problemas com a Covid, muitas outras doenças apareciam o tempo todo. Caxumba. Malária. Dengue. Nem todas elas transmissíveis, mas compreensível. No fundo ela sabia que talvez seu sogro ficar em casa fosse melhor mesmo, embora temesse a transmissão aos restantes dos familiares. Por conta disso, ele estava praticamente trancado em um quarto, cuidado por janelas ventiladas e refeições à porta. Mariléia levava alguns dispositivos que ele poderia usar, como uma

campainha para pedir ajuda caso as coisas piorassem, álcool e muitas máscaras n95, as mais eficazes na proteção. Por pouco não trazia viseiras também, mas seus familiares reclamaram demais.

– Nós tomaremos todos os cuidados necessários, Mãe. Não se preocupe. – Sua filha sempre lhe afirmava isso. E de fato tomavam. Os cuidados agora eram bem conhecidos da população geral, e inclusos na rotina como um novo normal (termo usado pelo governo para acalmar os ânimos diante das prevenções). *Sobrevivíamos junto do vírus e nele nos acostumaríamos em conjunto.*

Desde o lockdown, os casos diminuíram, mas não cessaram. Os hospitais continuavam lotados. Pessoas morriam todos os dias. Mas era muito menos que antes, ela tinha que admitir. Talvez as coisas se acalmassem. Mas era possível avistar algumas preocupações nos números e nas idas e vindas da chamada curva do gráfico de casos, que subia e descia a todo estante, com seu pico registrado no início do ano.

Quando seu sogro deu como positivo, as coisas tinham mudado tanto em sua vida, que não poderia deixar de pensar que seu fim seria na pandemia. Diante de tantos outros mortos. Mas tentava aproximar-se de Deus, mesmo em sua casa – já que até as igrejas estavam com frequência limitada no novo normal. Tudo o que queria era o fim daquela situação toda. Em seus mais de cinquenta anos, nunca imaginaria que passaria por tal perrengue.

Se aproximou do sogro na cama.

O velho se estendia em uma cama de solteiro do quarto mais afastado da casa. Um travesseiro macio era sua única companhia, mas havia também uma pequena TV emprestada para seus momentos de lucidez. Ele dormia calmamente, quando dormia, não tossia. Mariléia ajustou a máscara em seu rosto ao lembrar das crises de tosse que o homem tinha todos os dias.

Seu trabalho no hospital se resumira a apenas alguns dias da semana, pois havia pedido folgas para cuidar do sogro. Ganhara dois dias na semana para isso. E ali, tinha que verificar seus pulsos e sua saturação em intervalos constantes, já que não haviam dispositivos próprios de um leito de hospital para acompanhar o caso de seu Aldemir.

O homem vai mesmo morrer em casa, pensou. Vivia pensando isso todos os dias. Mas nem ousava dizer para o restante da família. Cada dia seus sinais ficavam piores, mas quando acordava, insistia para não ir para o hospital.

— Se eu tiver de morrer, morrerei com minha família. — Ele lembrou a todos alguns dias atrás.

— Você não vai morrer ainda, pai. — Seu marido se interpôs na época. Quase como negando mais para si mesmo, afinal não tinha o controle de nada.

— Está tudo bem, meu filho. — O velho dissera. — Aproveitei a vida o suficiente.

Na cabeça de Mariléia, ele já havia desistido. Mas não poupou da dor de ninguém, ao dizer coisas do tipo.

Ela se aproximou da cama para começar o processo de controle dos sinais. Aquele era o primeiro dia na

semana, e seu novo home office – um novo costume adquirido nos tempos de pandemia ao trabalhar de casa – era uma paz quase sempre. O problema estava no hospital, quando ligavam para ela com pressa e urgência em busca de conselhos ou sua presença imediata.

Pegou o oxímetro portátil e colocou no dedo do homem. O dispositivo para medir saturação agora era comum em todas as casas. Usava de um sensor para identificar a luz que as hemoglobinas emitiam na respiração, através do tecido do paciente. A partir disso, o medidor na pequena tela mostraria uma porcentagem, onde a normal se dava em mais de 95%. Quando era menor de 80%, era a maior preocupação na Covid.

Apesar da Covid apresentar febres, calafrios, dores de garganta, coriza e problemas no olfato e no paladar, seus principais sintomas sempre seriam a tosse e a falta de ar. Afinal, já era sabido que o vírus atacava os pulmões com todas as forças, causando uma deterioração do órgão. Em 80% dos casos o quadro não evoluía mal, melhorando a disposição. Mas os casos de riscos maiores eram idosos e pessoas com imunidade baixa. Seu sogro era um idoso e por isso a preocupação em acompanhá-lo bastante. Já faziam mais de 20 dias desde o primeiro sintoma, e ele não melhorava.

Enquanto pensava no assunto, o oxímetro apitou. Mariléia esperava um resultado de quase 90%, mas não havia nada na tela.

Se levantou em um salto. Tentando ficar calma. Observou por um momento o sogro na cama. Seus cabelos

brancos penteados, a pele flácida, o lençol até os ombros. Mas o lençol não se movia.

Pegou o pulso devagar, já sabendo o que a esperava. Ficou ali parada, com a mão do velho em suas mãos. Seu rosto encheu-se de terror. Não havia pulso.

Colocou o braço de volta na cama, e respirou fundo. *Como vou avisar a todos?* Pensou. Quando um óbito acontecia no hospital, era padrão e robótico desligar as emoções e ser firme e forte para tais avisos. Mas ali era sua família, e seu marido. O coitado não teria forças.

Foi ao banheiro, lavou as mãos. Penteou os cabelos com os dedos e olhou para si mesma no espelho. *Eu sou enfermeira chefe, tenho de estar pronta em qualquer situação.*

E saiu do quarto.

Seu marido, que estava sentado na sala assistindo à TV, a olhou despreocupado.

Ela se aproximou lentamente e sentou ao seu lado. Não soube dizer se foi o seu rosto que entregou, mas sem dizer nada, apenas observou os olhos do marido encherem e suas sobrancelhas juntarem. Havia entendido tudo.

LUCAS

Se arrumou para o trabalho sem qualquer animação. Os meses estavam exaustivos demais. Nem sequer parecia o mesmo que saía animado de casa para ajudar pessoas no serviço. Lucas sequer lembrava-se dos dias felizes mais, sem contar a raiva que sentira na semana passada, ao ver sua amiga fazendo aglomerações em sua própria casa.

Balançou a cabeça. Não se preocuparia com isso de novo.

Depois daquele dia, enviou um texto no grupo da casa que havia no aplicativo de mensagens do celular. Havia lembrado a todos que ali moravam que a pandemia não acabara. Por mais que estivessem sem lockdown, ainda teriam que tomar cuidado. Sem visitas. E se houvessem visitas, que fossem apenas de namorados ou namoradas. Tentara ser compreensível.

– Desculpe, Lucas. Não vai mais acontecer. – Sua amiga respondera ao texto no aplicativo.

Ele ignorou. Não queria lidar com ela mais. Era sempre ela a irresponsável, desde antes da pandemia. Não se surpreenderia se ela apresentasse sintomas em breve. *E eu não vou ajudar.*

As coisas no hospital também não estavam fáceis. Os casos balançavam e quando pareciam diminuir, cresciam novamente. Não estava mais com vontade de trabalhar, temia ficar doente também. Alguns de seus colegas lá

ficaram doentes por dias, e apesar de terem melhorado, lembrava-se de vê-los reclamando das dores e da tosse incessante. Seria seu terror passar por isso, ainda mais sozinho isolado naquele quarto do térreo de sua casa.

Pegou sua mochila e saiu. Decidira ir andando. O hospital não era tão longe, afinal. Lucas gostava de como as ruas estavam mais vazias que o normal. O céu estava nublado demais, o que era ainda mais confortável, pois o sol em Macapá era degradante e o calor quase sempre ultrapassa os 40 graus.

Quando passou pela rua da sua escola de samba, sentiu saudades. Ao que tudo indicava, os desfiles seriam mesmo cancelados no próximo ano, já que as coisas não se estabilizavam o suficiente para que eventos grandes acontecessem sem preocupação. Era o seu principal terror dos dias atuais. As autoridades gritavam ao negar eventos, pois sempre havia um boom de casos após eles, era natural. Tinha que admitir que talvez fosse melhor assim.

– Bom dia Lucas – uma colega o recepcionou assim que chegou na porta do hospital. – Arrume-se logo, a paciente da UTI 05 nos chamou para se despedir.

A frase parecia pior do que parecia. Mas Lucas sabia que era porque a moça finalmente havia melhorado e conquistado alta do hospital.

– Finalmente! Uma boa notícia pelo menos.

Ele correu para o vestiário masculino.

A mulher da UTI 05 era uma mulher bem afeiçoada. De traços bonitos e falas generosas. Em toda sua estadia foi uma simpatia e sempre tratava bem os enfermeiros e funcionários. Todos ali gostavam dela depois dos seus três meses de internação. Estava estabilizada havia algumas semanas e como todos que melhoravam, mal esperava para sair dali.

– Por favor não me deixe morrer nessa sala. – Lembrava dela dizer quando chegara.

Lucas não tinha poder nenhum para isso. Sabia que muito da Covid era apenas esperar pela sorte do corpo ser forte o suficiente para derrotá-la nessa batalha interna. Eles estavam ali apenas para contribuir com isso. Uns remédios estabilizadores de sintomas e equipamentos necessários para casos urgentes. Nem sempre conseguiam. E quando conseguiam, deveriam esperar pelas sequelas. Pois vinham muitas.

Uma das piores sequelas era a perda do paladar para certos sabores. Havia também a perda de olfato, para certos cheiros. E não havia explicação, não ainda. Há quem teorize que seja por conta de o vírus espalhar-se também pelo meio neurológico, mas era tão estranho para Lucas imaginar isso.

Quando a moça da UTI 05 chegara no hospital, sua irmã já estava internada, e com sequelas.

– Eu não sinto o gosto da comida... – A irmã mais velha dizia.

– Mas não tem gosto mesmo. – A moça da UTI 05 respondia.

Todos os enfermeiros próximos riam.

Alguns dias depois, a irmã mais nova das duas também se internou no hospital. A Covid era implacável dentro das casas. Essa estava mais controlada e não havia dado muito trabalho.

Mas como que por ironia do universo, todas as três pioraram. Todas as três foram para a UTI.

Lucas entrou na sala e muitos já estavam ali reunidos com elas. Os familiares iriam esperar no corredor, que todos os funcionários haviam preparado com balões de festa e confetes de festa. Era um novo procedimento padrão para pessoas que saíam da UTI depois de todo o sofrimento.

Clara, sua colega, já o esperava.

– Ela insistiu que queria agradecer a todos. Não é fofo?

– Ela está bem mesmo? – Lucas não deixou de perguntar. A UTI 05 não era da sua área de atuação. Mas conhecia a moça por casos esporádicos e já estava apegado.

– Está sim. Ainda está com o paladar alterado, mas está bem.

– Ela merece, depois de tudo. O paladar não vai ser nada.

A moça, com seus trinta e tantos anos estava ainda de roupa de paciente, mas já esbanjava um sorriso. Seu cabelo preto amarrado em rabo de cavalo estava limpo e

sedoso após o banho que tomou para o momento. Seus óculos estavam bem colocados, depois de dias sem usá-lo, mas o seu principal adereço estava em dia, o cordão com a cruz religiosa em seu pescoço.

– Deus vai me salvar.

Ela chegava dizendo, o que deixava Lucas meio desconfortável pois eles teriam que fazer todo o trabalho. Mas ele, vindo da Umbanda, sabia a importância da religiosidade nessas horas.

– Mas sei que o papel dele é agir por meio de vocês.

– Ela também dizia. – E por isso sou muito grata.

E foi aí que começou o amor de todos por ela. Diferente de muitos, ela os valorizava. Sempre que melhorava, chamava algum enfermeiro e passava horas conversando sobre tudo, e como estavam as coisas na cidade. E no mundo, como quando os Estados Unidos começaram a testar a vacina contra a Covid, dando esperança para todos. Ou como quando a China já estava se controlando o suficiente para abrir as portas novamente.

Perguntava das irmãs, mas sempre tentavam não a deixar mal, para focar na sua própria saúde.

– Gente... – Ela começou a falar. – Sei que sou apenas mais uma cuidada por vocês, mas só vocês sabem o sofrimento que passei. Passar pela UTI é mesmo desgastante. O tempo que passei lá foi uma tortura, e tudo seria muito pior se não fossem por profissionais incríveis como vocês.

Todos começaram a murmurar coisas como “que isso, não foi nada”.

– A minha jornada seria dura se vocês não fossem pessoas legais. Agradeço você, Joana, por todos os dias estar lá me animando. Você, Delia, por me ajudar com...

E começou a citar nomes. De enfermeiros, assistentes, sua médica e até as senhoras da limpeza. Quando citou o nome de Lucas, foi como se abrissem um manto de renovação dentro dele. Nada era melhor que ser reconhecido por todo o trabalho duro, e olha que no caso dela ele não havia feito quase nada, apenas aparecia para conversar e ver como ela estava.

– E sei que com a ajuda de vocês, todos aqui poderão sair dessa mais fortes. Como minhas irmãs, ainda na UTI e que sei que melhorarão com a ajuda de vocês.

Todos se calaram. Lucas viu os rostos dos colegas se entreolharem. Os sorrisos sumiram. Havia um motivo para não falarem sobre suas irmãs para ela. Elas haviam falecido semanas antes. E a família proibiu a todos de comentarem com ela, pois a dor seria grande.

A Covid nem sempre era fácil para quem entrava em estado grave e ia para a UTI. Aquilo significava morte em 80% dos casos, por isso a festa para com quem recuperava. O vírus atacava agressivamente os pulmões, impedindo os pacientes de respirarem, gerando paradas respiratórias. Talvez fosse esse o motivo para as sequelas, o cérebro sofria com a falta de oxigenação. A irmã mais velha que já estava internada foi a primeira a sucumbir, morreu com o pulmão deteriorado. A segunda foi no mesmo dia da internação,

sem respiradores para ajudá-la a lutar contra a crise. Foi desolador para Lucas, pois a morte tinha sido dramática, com gritos da falta de ar, o corpo se contorcendo e o olhar pedindo por ajuda.

Enquanto ela falava, Lucas sentiu seu sorriso forçado aparecer no rosto. Mas era dolorido. Era dolorido sorrir quando não havia motivo. Ela estava colocando responsabilidade neles, de certa forma. *E quando soubesse que não conseguimos?*

– E claro, agradecer a Deus por ter dado vocês. Por ter feito vocês não desistirem. Por ter feito vocês me animarem e me curarem.

E todos bateram palmas. Os sorrisos tristes no rosto. Lágrimas nos olhos. E a esperança de que a moça da UTI 05 fosse forte também para aguardar as próximas notícias.

MARILÉIA

O homem no telefone era impassível. Repetindo a frase que não gostaria de ouvir.

– Não temos mais lápides, senhora.

– Como assim não tem mais lápides?

– Os cemitérios lotaram. Estamos tendo que abrir valas comuns e enterrando todos ao mesmo tempo.

– Eu não vou enterrar o meu sogro em uma vala!

Mas no fundo Mariléia sabia que teria de ser em uma vala. Ela já ouvira falar isso antes.

A pandemia era avassaladora. Atropelava não só o dia a dia dos vivos, mas dos mortos também. A organização e os rituais fúnebres haviam mudado. Muitas famílias nem sequer podiam se despedir.

– Moço, eu jurava que isso havia melhorado. O pico da pandemia já passou.

Ouviu o homem suspirar no telefone.

– Senhora, a pandemia ainda não passou.

– Eu não preciso que me lembrem disso, eu sou enfermeira.

– Então, com todo respeito, a senhora sabe como ainda está morrendo gente à rodo.

Mariléia havia se esquecido de como cuidava das pessoas apenas até o momento da morte, depois desta fase, não sabia como estavam as coisas de modo exato. Tinha visto imagens na tv, áreas descampadas no cemitério, com vários buracos um do lado do outro, abertos em conjunto, e apenas algumas cruzes em madeira para demarcar cada local. Eram pessoas demais morrendo.

– Abrimos uma área de valas em um terreno próximo do cemitério. Mas não temos lápides para vender e não fazemos mais velórios. – Repetiu o homem. Fazendo a imagem da TV se mostrar verdade.

– E como fazem? Vocês vêm buscar em casa?

– Isso, apenas um carro vai buscar. Mas não faremos mais nada, o manuseio de cadáveres com Covid é complicado senhora...

– Então não podemos nem participar do enterro?!

– Infelizmente não, fazemos enterros coletivos. São muitos óbitos a todo momento, não há tempo para isso.

Mariléia não acreditava que passaria por isso. Ouvira falar dos chamados velórios virtuais, orações por aplicativo e apoios online. Um novo luto que servia para aproximar as pessoas durante a despedida, isso quando podiam se despedir.

E agora teria que explicar isso para toda sua família.

Desligou o celular e quando virou, seu marido e sua filha já entendiam tudo. Havia apenas eles na casa.

– Façam uma chamada de vídeo com o restante da família para se despedirem da melhor forma.

A filha começou a chorar.

– Ah vovô...

O marido, já estabilizado da crise de choro que Mariléia nunca havia visto antes na vida, respirou fundo. Pegou o celular e começou a mandar mensagens nos grupos da família e avisar a todo mundo. Não havia tempo nem para ligações.

Mariléia começou a arrumar as coisas em casa. Tinha que preparar o mínimo para os eu sogro. Tomar cuidado com os pós do enterro. Como faria a faxina para esterilizar a casa, e torcer para que nem seu marido e nem sua filha ficassem doentes.

– O Carlos quer vir, mãe. – Sua filha entrou no quarto. Seus olhos estavam vermelhos, era realmente apegada ao avô desde a infância.

– Você sabe que é melhor não vir ninguém, filha.

– Ele já ajudava de vez em quando e tomava os cuidados necessários, não vai ter diferença.

Ela suspirou. Sua filha tinha razão. Pelo menos seria a última vez, e mais uma ajuda masculina seria útil.

Assentiu. E sua filha saiu.

Estava cansada. Além de todos os óbitos, choros e sofrimentos que tinha que viver no hospital, tinha que viver em sua própria casa também. *Quando isso vai acabar, meu Deus?*

O marido a chamou da sala.

– Estão todos online, podemos fazer uma oração para velá-lo.

– Tem de ser muito rápido, a funerária está chegando.

Podia ouvir choros atrás dos celulares e das várias cabecinhas pelo aplicativo de reuniões online do computador. Netos. Sobrinhos. Filhos. Nunca imaginavam que teria de ser daquela forma. E oraram por ele por alguns minutos antes do carro chegar.

– É tudo muito rápido... – O marido comentou.

Saíram para fora, o céu estava negro em nuvens, próximo de uma tempestade. Além de ser enterrado às pressas, seria debaixo de chuva. Mariléia observou o corpo ser carregado por apenas dois homens para dentro do carro. E se afastar para nunca mais vê-lo. *Esse é o novo normal?*

E chorou pela primeira vez em meses.

ANDREI

Andrei chegou na casa de Lucas exausto depois de um plantão diurno na viatura – aquela semana não era a viatura para Covid, pelo menos.

– E aí amigo. – Falou ele, assim que abriu a porta. A chuva caía forte lá fora. – Peguei uma chuva no caminho antes de entrar no carro, mas está tudo bem.

– É, essa linda atrapalhou o nosso rolê na varanda, mas está um clima gostosinho lá em cima.

E Andrei não duvidava. Lucas tinha o costume de super decorar as coisas, colocava luzes brilhantes coloridas nos cantos, tapetes fofos e fazia comidas gostosas junto dos outros da casa. Era um verdadeiro anfitrião.

Mas nunca mais haviam se reunido, devido à pandemia. Lucas até havia contado do caso que rolou em sua casa, onde uma de suas colegas de apartamento havia feito encontro com amigos, todos sem máscaras e sem respeitar o distanciamento. Como ele e Lucas eram da área da saúde, dessa vez as coisas seriam respeitadas. *Os casos diminuiram muito desde quando aconteceu o caso com a menina também, a gente consegue...*

Já estavam em novembro, as coisas realmente haviam melhorado. Havia esperança para que a doença se estabilizasse em Macapá. Os centros clínicos específicos para Covid estavam fechados, sem necessidade de tanta atenção. O pico de casos e mortes haviam acontecido em

julho, e as vacinas já estavam começando a serem testadas no exterior, enquanto no Brasil as pessoas ainda andavam de máscara, respeitavam distanciamentos e tentavam voltar a vida dessa forma. Encontros com amigos podiam acontecer novamente, mesmo com algum medo.

Quando subiu, estava mesmo tudo muito bonito.

A área coberta estava escura, apenas com luzes de natal nos cantos, já preparado para o fim de ano. Seus amigos estavam sentados afastados uns dos outros em cadeiras, abaixavam as máscaras apenas para beber. As janelas e a porta de correr que dava para a varanda aberta estavam soltas para que o ar circulasse, a chuva entrava em respingos, mas não molhava ninguém. Era um ótimo e confortável local para esquecer os problemas. A ideia de Lucas era tornar isso constante, para desafogar tudo aquilo. Principalmente para eles dois, que estavam na linha de frente na guerra contra o vírus.

— Andrei querido, queria te dar um abraço. — Sua amiga mais próxima falou assim que entrou.

Ele sorriu, sentia falta dos abraços. A primeira coisa a se perder naqueles dias.

— Pelo menos a gente tá podendo se ver depois de tanto tempo. — Respondeu sorrindo.

Eram quatro amigos ali, além dele e de Lucas. A moça que havia feito aglomeração no mês anterior não estava ali, ao que parecia havia se afastado de todos da casa. Depois de cumprimenta-los, sentou-se meio afastado em um canto e deu seu primeiro drink da noite. Como era bom.

– Como estão as coisas no SAMU? – perguntou um deles.

– Cansativas – começou respondendo. – Mas ficaram tranquilas a partir de setembro. Os casos deram uma diminuída.

– Sim. – Lucas falou. – No hospital também acalmou, ainda que tenha muitas mortes.

– Será que tá acabando? – A amiga falou, em voz de choro.

Ninguém respondeu.

– Lembra quando no início da pandemia estávamos aqui e diziam que duraria até setembro?

– A gente já tinha reclamado com isso, agora parece que vai ultrapassar 2020, isso sendo esperançoso.

– Na verdade eu chamei vocês aqui por isso... – Lucas falou. – Eu estou sentindo que os casos estão voltando a crescer, então tínhamos que aproveitar enquanto há tempo.

Andrei não queria admitir, mas estava com medo disso mesmo.

– No SAMU ainda está estável, mas o chefe falou sobre isso. O governo está considerando reabrir os centros específicos, devido à alta de casos nas unidades básicas.

– Mas gente, não estava diminuindo?

– No final de outubro o Brasil registrou uma queda de 25% dos óbitos por Covid, isso foi um bom sinal. Depois

os boletins epidemiológicos também registraram queda de 10% na notificação de novos casos.

Lucas assentiu.

– Sim, e depois de tantas mortes, eram números bem expressivos no total.

– Foram quase 5 milhões de casos registrados no total em outubro! – Andrei continuou. – Tinham 11mil novos casos por dia no país.

Todos exclamaram em surpresa.

– Vocês não assistem jornal não? – perguntou o amigo jornalista.

– Eu evito, minha mãe tá muito assustada. – disse outro.

– E eu me distraio com séries – disse um dos que moravam na casa.

– Gente, já temos quase 150 mil óbitos no Brasil! E São Paulo ultrapassou a Itália no número total de mortes por lá. É absurdo.

– O Brasil já ocupa o segundo lugar no número total de casos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e a Índia.

– Gente, como vocês sabem tanto?

Eles riram.

Andrei na verdade nem queria saber. Mas seu chefe dava um boletim exclusivo quase todos os dias, para que todos os profissionais do SAMU pudessem trabalhar

sabendo como as coisas eram sérias, dando importância à doença. E contou isso para os amigos.

– E as vacinas, nada? – perguntou o amigo das séries.

– Boatos que as vacinas de Oxford estão previstas pra chegar no Brasil em dezembro ou janeiro. – Foi Lucas quem respondeu.

– Isso merece uma comemoração.

E brindaram, rindo.

– Minha amiga que trabalha na TV disse que ainda em setembro teve um aumento de casos e óbitos no Brasil...

– Então... Tá flutuando.

– Parece que até o Butantan vai criar uma vacina por isso...

O instituto Butantan, centro de pesquisa científica e produção de imunobiológicos que ficava no bairro do Butantã em São Paulo estava pesquisando uma vacina para a Covid, mas ainda estavam em testes que iam e voltavam.

– Acho que essa vai demorar mais um pouco, pelo o que ouvi falar. Só ano que vem que vai começar os testes.

– Ai, eu não aguento mais... – A amiga falou.

Ninguém aguentava mais.

– E como estão as coisas no hospital, Lucas?

– Dia desses foi difícil. As pessoas demoram pra sair da UTI e mesmo quando saem, tem notícias difíceis de morte de familiares.

E contou o caso de uma paciente que havia perdido as irmãs e ficou sabendo ao sair da UTI.

– E algum profissional pegou Covid?

– Tiveram alguns. É horrível, todo mundo anda com medo de pegar, principalmente depois de ver como ficam os casos graves.

Andrei também tinha medo. Tinha medo pela família. E até ali com os amigos tinha medo, nenhum deles havia ficado doente ainda.

– As coisas estão complicadas em todo lugar né? – falou o amigo jornalista. – Meus amigos da TV contam de cada caso de pessoas que não concordam com as restrições, ou as máscaras, a ponto de agredirem repórteres na rua! Tudo culpa da emissora, claro.

– Meu, isso é absurdo! – disse Lucas. – Muita gente não vê o que acontece nos hospitais e por isso acham que é tudo mentira, só pode.

– Até acontecer com algum familiar....

E ficaram calados. Todos deram goles em seus drinks. A chuva ficou mais forte e trovões começaram a fazer a trilha sonora da noite. A conversa mudou para outros rumos, para acalmar os ânimos. Não sem antes de Andrei pensar no aumento de casos mundial, que provavelmente logo aumentaria no Brasil também. Aquela

noite não se repetiria novamente tão cedo, deviam mesmo aproveitar.

No final da noite, resolveram fazer uma rodada de drinks para acompanhar os jogos de tabuleiro que ajudavam a divertir a noite.

- Vocês querem drink de Pitaya?
- O que diabos é Pitaya?
- Não me diz que não conhece Pitaya!
- Que nome engraçado esse.

Andrei riu, ele também não conhecia.

– É uma fruta tropical de cor rosa, ela é bem bonita e gostosa. Vou...

Um trovão alto retumbou pela casa.

- Que susto!

E então as luzes piscaram, e apagaram. A voz de todos reclamaram em uma expressão uníssona de descontentamento.

– A energia vai embora bem na hora da tal da Pitaya?!

A chuva ainda estava forte, mas conseguiam ver o restante da rua, já que a varanda da casa ficava no terceiro andar, com uma boa vista da cidade. Estava tudo escuro.

Andrei pensou na hora nos hospitais, fazia tempo que não faltava energia, esperava que tivessem geradores ou um caos iniciaria.

– Minha mãe disse aqui por mensagem que faltou energia lá pra Zona Norte também...

– Será que foi geral, gente? – Andrei perguntou.

– Espero que não... – Lucas respondeu, visivelmente preocupado.

– Ao que parece tá tendo um incêndio na zona norte... – o amigo jornalista falou. Seus olhos estavam no celular. – Na subestação de energia da CEA.

A companhia de energia do Amapá controlava as coisas no estado. E não tinha uma reputação muito boa quando o assunto era falta de energia.

– Eu vou dormir aqui até voltar a energia, tudo bem? – a amiga falou por fim. – Não vou pra casa nesse escuro nem a pau.

– Tudo bem, eu coloco um colchão na sala.

A chuva continuava forte naquela noite. Ela eventualmente parou no meio da madrugada, enquanto Andrei e os amigos esperavam a volta da energia e tomavam seus drinks de Pitaya feitos à vela. O escuro não apagaria seus ânimos.

Mas o Amapá continuou apagado.

3 de novembro

Após forte tempestade no estado, um incêndio compromete transformadores em importante subestação de energia em Macapá. _

Treze cidades, das dezesseis do estado, ficam sem energia, atingindo 89% da população. O Amapá se torna o único estado do Brasil a lutar contra pandemia e apagão ao mesmo tempo, o que gera problemas de água, alimentos e saúde_

NO ESCURO_ parte 3

AMAPÁ SE TORNA O ÚNICO ESTADO A ENFRENTAR APAGÃO
E PANDEMIA AO MESMO TEMPO_

MARILÉIA

– Corre agora para a recepção para pedir mais luvas e depois leva esse oxímetro para a Clara na sala 02.

Mariléia gritava para um assistente próximo.

– Mas não temos mais luvas no hospital!

– Eles têm que conseguir de alguma forma! É um hospital particular, que corram atrás!

– Chefe, a recepção tá entalada de gente!

Ela suspirou, irritada.

– Então corre mais rápido para chegar lá o quanto antes, porque temos apenas algumas horas a mais de energia, e os pacientes na UTI precisam sobreviver essa noite!

O assistente a olhou com desespero, e saiu correndo.

Ela suspirou cansada e voltou-se ao paciente à sua frente enquanto outras enfermeiras corriam para todos os lados tentando cuidar dos que chegavam. Em seus ouvidos, gritos, tosses e choros lhe davam a pior sensação do dia. Parecia que estava de volta ao início da pandemia. E ainda havia aquele irritante problema de energia no estado. *Eu definitivamente vou me aposentar após isso...*

Desde o dia 03 de novembro as coisas haviam escalado e piorado de uma forma terrível. Se o Amapá não estava pronto para uma pandemia, ele definitivamente não

estava pronto para uma pandemia junto de um apagão. Já fazia 15 dias desde o ocorrido na subestação de energia e as coisas ainda não haviam normalizado. Ela estava no hospital quando aconteceu, e nem gerador suficiente havia.

– Os respiradores não estão funcionando direito, senhora. – Havia falado para a gerente naquela noite.

– É o gerador, que já está falhando... – ela respondeu. – Essa energia que não volta...

– Precisamos de mais pessoas para utilizarem os respiradores mecânicos, senão os pacientes nas UTI irão morrer.

– Chame todos os enfermeiros de folga, precisaremos fazer isso mesmo, pelo menos até que a energia volte.

O gerador havia acabado no fim da noite do dia seguinte. E Mariléia ouviu falar que os outros hospitais e clínicas também sofriam com o mesmo problema. Seu hospital teve condições de correr atrás de geradores maiores, caminhões de energia de emergência, mas não sabia o que seria dos acompanhados pelo governo estadual e municipal.

– Como estão as coisas por aí amor? – Ligara para seu marido pela manhã após o blackout.

– Mal consegui dormir por conta do calor e dos mosquitos.

– Verifica a comida na geladeira, por favor. Teremos que fazer hoje senão vai estragar tudo.

Mas não houve tempo. Comidas guardadas para a semana estragaram. Tiveram que comprar cubas de isopor para guardar os alimentos resfriados. Nos dias seguintes, os mercados estavam lotados de pessoas esperando por gelo, para refrigerar seus alimentos.

O caos não estava só no hospital e isso a deixava louca.

– Não temos mais luvas mesmo, chefe.

O assistente voltou respirando forte. Ela o olhou abismada.

– Mas já foram atrás! Falaram que em duas horas chega um novo lote...

Em duas horas a energia iria embora novamente e os riscos de todos contraírem a doença aumentaria.

– Cuide desse paciente, eu vou olhar o meu estoque pessoal. Não posso ficar sem luvas.

Correu para a sua sala no fim do corredor. Não sem antes se incomodar com o quanto de pessoas estavam esperando por vagas de leito, esses 100% ocupados. Podia ver o rosto sofrido deles, podia ver a dor em seus peitos, que afetavam não só os doentes, mas também quem os acompanhava.

Mariléia lembrou de seu sogro.

Depois de alguns dias, com a queda nos casos, eles puderam visitar o túmulo. Era apenas um entre tantos em uma área aleatória do cemitério. Havia apenas uma cruz e um nome. Puderam deixar flores, mas era muito triste ver.

Não havia cuidado com as lápides, foram todas feitas às pressas. Agora com o aumento dos casos, certeza que as mortes seriam ainda mais desrespeitadas. As famílias que via pelo corredor teriam que despedir de seus entes queridos ali mesmo. Isso quando poderiam se despedir de fato.

Quando entrou em seu escritório, procurou uma das gavetas. As caixas de luvas todas vazias. Mas pôde achar um par no fundo da gaveta.

Seu celular vibrou.

“Já estamos sem energia em casa. Vou para a casa do papai agora.” Sua filha dizia por mensagem.

Aquela situação estava absurda. Passado uma semana do apagão, e dias sem energia, o governo criou um sistema de rodízio, turnos de 6 horas por localidade, pois um transformador foi reparado usando peças do segundo transformador atingido no incêndio e do terceiro que já não funcionava antes. Sem falar que até o fornecimento de água estava sendo afetado por esse problema, sem energia para bombear os reservatórios.

“Por favor, aproveite a energia em casa e prepare uma janta para nós, estou exausta e vou chegar lá pelas 10 da noite.”

Respondeu para ela. E voltou para os leitos da sala um. Pronta para mais correria.

LUCAS

Desde aquela noite, foram 8 dias no escuro até entrarem no rodízio de energia. Lucas nem acreditava. Foi como uma bola de neve, de uma noite divertida com amigos, para eventos desastrosos no hospital e na vida.

Nunca imaginaria que durante os 8 dias sofreria mais do que nos quase 11 meses de pandemia. Tudo era intensificado pelo escuro.

– Você já vai voltar para o hospital? – Seu amigo perguntou enquanto almoçavam no terceiro andar da casa. Era um dos amigos que ficara em sua casa desde o apagão, tanto por conta do risco que seria voltar para casa, quanto por tédio de ir para a casa e não ter nada para fazer sem energia.

– Preciso. As coisas não estão fáceis no hospital.

– Como estão se virando sem energia?

– Agora com o rodízio vai melhorar, mas os últimos dias foram um caos. Um caos ainda maior.

O amigo ficou quieto, esperando por mais detalhes. Ele balançou as mãos como quem diz “continue”.

– Você é muito curioso, Kell.

– Eu sou jornalista, tenho que ser. – respondeu rindo.

– Você estava aqui no dia que tudo apagou né, então sabe como foi sofrido. O gerador não aguentou muito tempo lá, daí eu tive que ir pra ajudar com os respiradores mecânicos.

– Mas ainda tem muita gente com Covid lá?

– Sempre tem, não tem jeito.

– E como vocês estão cuidando deles? E as UTI?

Lucas deu mais uma mastigada, antes de responder.

– Tá difícil né. A gente tá tendo que usar os respiradores mecânicos e a energia tá indo toda pras UTI.

– E como funciona esses respiradores?

– Eita, como é curioso!

O amigo riu.

– Desculpa, a gente não se via há tempos, quero saber agora!

– Não tenho muita paciência pra Jornalistas...

– Para com isso que você adora uma atenção!

E ele gostava mesmo, obviamente só estava brincando. Era bom falar com alguém sobre os detalhes de saúde, coisa que seu amigo tinha afeto pois já havia feito odontologia antes e trabalhado em clínicas também.

– O respirador é um equipamento que auxilia na entrada e saída de ar dos pulmões...

Outro amigo entrou na cozinha aberta, pronto para se servir.

– É muito usado para pacientes com insuficiência respiratória, ou seja, com baixa concentração de oxigênio no sangue, que é o que acontece na Covid né...

– Nossa, devem precisar demais então.

O outro amigo sentou-se, e ouvindo a conversa comentou.

– Mas 80% das pessoas que pegam covid não apresentam sintomas, não era o que diziam?

– Mas 20% apresenta né, e isso acaba sendo muito quando já chegamos a esse tanto de gente doente no Brasil.

– E agora estão precisando de gente pra usar isso?

– É, sem energia na cidade não tem muito o que fazer. A gente precisa usar os meios mecânicos. Coloca o negócio na boca e fica lá apertando, ventilando os pulmões.

Lucas levantou-se, tinha que falar menos e trabalhar mais.

– Mas agora deixa eu correr, porque tá difícil.

A verdade era que estava muito preocupado. A vida nos últimos dias era ficar no escuro e ir pro hospital trabalhar na luz. Mas como a energia não podia ser desperdiçada, o serviço no hospital estava incrivelmente pior com todos esses afazeres. Quando a noite chegava, tudo piorava.

Em sua casa, iam para a varanda do terceiro andar conversar. Mas não havia música, não havia comida, não havia nada além de conversas. Não dava para fazer drinks,

pois não havia como ligar o liquidificador. Não dava para ver filmes, não dava para jogar videogames, só apenas ler.

Seu amigo tinha um dispositivo leitor de livros digitais que usava para ler pois o mesmo tinha luz interna.

– Nesses 8 dias consegui terminar o livro que tenho enrolado desde o início do ano – ele comentava.

Mas Lucas não tinha um. Só lhe restava aproveitar as manhãs.

As noites o deixavam nervoso e ansioso sem nada para fazer. Mas ir para o hospital não melhorava isso, porque ao seu ver, os casos estavam aumentando. Justo no apagão. Lucas não entendia. Sabia que era um efeito mundial e que estava acontecendo em todo o país também, mas se as pessoas estavam em casa no escuro, por que os casos aumentavam?

– Porque elas não estão em casa no escuro. – Mariléia respondeu a ele no horário de intervalo à noite no hospital. – Muitas pessoas foram para praças passear para evitar o tédio, e shoppings para carregar os celulares ou outros dispositivos com o gerador deles.

– E agora está ainda pior, com o rodízio, as pessoas estão indo para a casa dos outros quando falta energia na delas.

Lucas riu.

– Meu amigo tá fazendo isso lá em casa. Passou os 8 dias lá, mas agora vai pra casa da mãe quando tem energia lá e volta para nossa casa quando ela acaba.

– Esse rodízio só vai piorar as coisas – Mariléia suspirou.

– Os casos estão aumentando mesmo?

– E muito. – Outro enfermeiro respondeu. – Não sabemos mais o que fazer.

– Os centros de covid vão reabrir, disseram.

Lucas estremeceu. E sentiu a garganta arranhar. Quis tossir.

– Estão falando que é a segunda onda que chegou.

– Não fala isso... – Lucas comentou. – A expectativa era que tudo acabasse agora.

Uma das enfermeiras sorriu triste.

– Lucas, estamos próximo de dezembro e os casos aumentando, você acha mesmo que vai acabar?

– É muito injusto que depois da redução de casos, tenha novamente um aumento de contaminados...

Mariléia suspirou.

– Na verdade uma segunda onda já era prevista, e a OMS já recomendava que mesmo com a queda no número de casos, as medidas de prevenção não relaxassem.

Lucas teve que concordar. Criou-se uma falsa sensação de segurança em todo mundo, como ele reunindo os amigos em sua casa.

– Já teve na Europa, não é? – A enfermeira mais nova perguntou.

– Isso, e aqui ainda estávamos na primeira onda. O pico foi em julho e setembro.

– Será que a segunda onda será pior?

Lucas se remexeu. Quis tossir de novo.

– Vamos torcer para não ser...

E então tossiu, colocando a máscara no rosto. Mariléia o observou com seus olhos atentos.

– Tá tudo bem, gente. Me engasguei.

Mas ele sabia que não tinha se engasgado. *Por favor que não seja...*

ANDREI

Chegar em casa depois de um dia cansativo de trabalho e encontrar tudo escuro era desolador. Talvez fosse um dos piores momentos para Andrei.

Mas quando chegou, encontrou sua mãe parada na porta, sentada em uma cadeira de balanço olhando para fora.

– Seu pai foi buscar água na casa do vizinho.

Como iria tomar banho para limpar a contaminação da rua? Sabia que já havia tomado um banho após o plantão no SAMU, e que esse sim era importante. Mas desde o início da pandemia era quase como uma obrigação tomar outro banho para que os riscos fossem ainda menores.

– E nada da energia? – Ele perguntou, já vendo que estava tudo escuro.

– Nem..., mas ali no quarteirão do governador tem energia desde de manhã.

Andrei podia sentir a raiva em sua voz.

O apagão em sua casa estava beirando o insuportável. Não havia água. A comida na geladeira estragara e, o pior de tudo, não havia nada para fazer durante o tédio. O rodízio havia mudado na última semana, tinha ido de 6 horas para 4 em 4 horas. Diminuía o tempo de espera, mas diminuía o tempo de luz também. Não

havia tempo suficiente para refrigerar nada e nem para se divertir com qualquer coisa que fosse.

– Eu acho que vou para casa de um amigo então, volto quando a energia voltar por aqui.

Andrei tinha sorte de ter energia na casa de Lucas quando faltava na sua. O rodízio se dava por bairros, e permitia fazer coisas do tipo. Mandou mensagem para ele para perguntar se podia.

“Aqui está sem energia e preciso de um banho.” Ele enviou.

“Amigo, eu tô com covid.” Lucas respondeu.

Andrei arregalou os olhos.

“Desde quando?”

“Desde sábado. Os primeiros sintomas apareceram no hospital e cá estou eu de cama.”

Andrei fez os cálculos de quando estivera na casa de Lucas da última vez. Se ele havia apresentado sintomas no sábado, isso dizia que cinco dias antes já estava transmitindo. Mas nos seus cálculos, estava seguro pois estivera lá por pouco tempo durante o apagão de 8 dias.

Virou para sua mãe.

– Vou ter que ficar por aqui mesmo, meu amigo está com Covid.

A mãe gritou e colocou a máscara no rosto.

Ele riu.

– Está tudo bem mãe, eu não estive em contato com ele nos últimos dias.

Ela não tirou a máscara.

– Entra pela porta dos fundos e vá direto para o banho, tome gelado mesmo. E use máscara pelos próximos 5 dias!

Ele suspirou.

Sabia que ela estava certa.

LUCAS

– E agora quando vou pra casa?!

Seu amigo perguntou assim que Lucas chegou na cozinha. Todos estavam de máscara quando subiu para pegar algo para comer.

– Brincadeira amigo, eu não reclamo... – ele continuou.

Lucas tentou rir, mas tudo doía em seu peito.

– Agora vai ter que esperar tudo passar, não tem jeito.

– Que péssima hora pra ficar doente hein? – outro amigo comentou.

– Nem me fale...

Mas Lucas não queria pensar nisso. Estava sendo difícil suficiente só sobreviver aos dias de sintomas. Por sorte, não eram tão fortes, mas era doloroso assim mesmo. Tossia muito em seu quarto afastado, no escuro. E quando podia vinha sozinho para a varanda, respirar o ar limpo vindo do rio Amazonas.

O escuro pelo menos dá esse céu lindo. Ele pensava nas noites estreladas.

Mas não era mais fácil assim. Tossir fazia doer todo seu corpo. Era como uma compulsão, vinha uma tosse e depois várias em seguida até descansar. Isso sem falar na

febre que teve nos primeiros dias. Ele se manteve deitado apenas, sem fazer ou falar nada. Ele mesmo media sua temperatura e sua saturação. Tomava os remédios que havia trazido do hospital sozinho também. Ninguém podia lhe ajudar. Ainda assim, subia de vez em quando e via um ou outro amigo.

– Se você precisar de algo, é só gritar.

Mas ele se recusava. Não queria passar nada para ninguém. Só de pensar nos amigos que estavam ali desde o apagão que correram o risco. *Ainda bem que a casa é bem arejada.*

Diante da doença, Lucas não pôde deixar de se sensibilizar ainda mais pelo momento de pandemia que muitas famílias passaram. Não pôde deixar de se arrepender de ter chamado os amigos no dia do apagão. E se preocupava ainda mais em como as coisas estavam no hospital. Mais colegas também estavam doentes, ele havia descoberto. Tudo por conta da falsa sensação de segurança que a redução dos casos havia causado nas pessoas.

Tudo estava piorando. E ele só esperava não morrer. *Por favor, não agora.*

MARILÉIA

Mariléia definitivamente não aguentava mais. Estava exausta todos os dias. Estava triste desde a morte do sogro. Estava com medo de ficar doente como os colegas. E estava pronta para acabar com tudo quando a pandemia acabasse. *Eu vou me mudar para Oiapoque, bem longe, no meio do mato.*

Pegou ônibus para o trabalho com a mente em confusão, pensando em como se aposentar ainda ali. 2020 estava acabando, mas, não havia nada que indicasse que a pandemia acabaria com ele. Os casos só aumentavam e o hospital estava ainda mais em caos. As UTI voltaram a lotar e criar filas de espera. Os centros de Covid reabriram, e novas medidas de segurança foram impostas na cidade. E o apagão em rodízio ainda afligia as pessoas.

– É incrível como tem gente que ainda questiona a veracidade dos lockdowns e isolamentos com essa segunda onda de covid chegando.

A conversa chegou aos seus ouvidos no ônibus. Mas não conseguiu ouvir mais pois passou pela praça central da cidade, onde acontecia um protesto pela normalização da energia no estado. Havia pessoas segurando placas falando da escuridão inicial, da falta de água, da falta de comida, da falta de luz. 90% da população ainda sofria. Até mesmo as eleições municipais que aconteceriam na metade

de novembro foram adiadas para dezembro devido aos problemas que a cidade passava.

Até aquele dia, ela nem sequer sabia o que havia causado o problema nos transformadores. Ficou sabendo que houve explosão e o fogo danificou os transformadores, mas laudo iniciais descartaram a ideia de que um raio tenha causado o incêndio, e nem sequer tinha certeza se tinha sido isso mesmo que tinha acontecido. Lembrou dos jornais de TV estarem falando sobre isso a todo instante, mas já era surpreendente o suficiente.

“Segundo o ministério de minas e energia, o transformador que estava em manutenção teve condições de ser recuperado e por isso o rodízio entrou em vigor. O incêndio levou horas para ser contido e agora uma usina hidrelétrica entrou em operação para a retomada.”

Ela sabia que investigações estavam sendo feitas para apurar as causas e as responsabilidades, mas o Amapá nunca teve um plano de segurança ou “backup” no seu sistema elétrico. E mal sabiam que podia afetar tudo, até mesmo os serviços de internet. O estado estava completamente isolado.

– Eu não consigo nem sacar dinheiro porque os caixas e bancos estão sem energia e nem internet. – Lembrava de uma de suas assistentes reclamar.

– Não consigo fazer compras por isso.

– Até as bombas de gasolina pararam de funcionar sem energia, andar de carro está mais difícil.

A manifestação que as pessoas faziam na praça eram até uma das mais tranquilas, pois haviam moradores que faziam protestos nas ruas à noite, pela madrugada, ateando fogo em pneus e madeiras. Sabia que em um só dia foram muitos atos contra o apagão durante aqueles 8 dias de escuridão, ouvira falar de mais de recordes de 50 atos em mais de um dia.

– A prefeitura da capital decretou calamidade pública por 30 dias – seu marido havia lhe dito. Mas nada mudava. A situação de emergência permitiu a mobilização de ações voluntárias de assistência social e compras de bens de serviço e obras, como água potável e mineral e alimentos para a população. *Mas ainda estamos no escuro.*

Chegou no hospital pensando na situação, exausta como sempre. E enquanto se preparava para mais um plantão, passou pela TV que falava sobre isso.

“O governo federal estipulou um plano de retomada para trazer transformadores de outros lugares...”

Ela quis chorar e nem quis ouvir mais. Definitivamente não aguentava mais. Tentou deixar de lado as notícias e foi para o corredor.

Pacientes choravam. Pessoas tossiam. Profissionais corriam para todos os lados. Deu uma olhada rápida pela porta da recepção de Covid do hospital e ao ver lugares lotados e pessoas em pé esperando, quis chorar novamente.

LUCAS

Lucas estava melhorando da Covid finalmente. Mas estava péssimo ao ver a TV. Depois de passar quase o mês de novembro inteiro no apagão, a Companhia de Energia do Amapá (CEA) e o Ministério de Minas e Energia (MME) anunciaram a suspensão do rodízio e que a energia foi retomada em 100% do estado.

“Isso foi apenas possível com a energização do segundo transformador na subestação incendiada”.

– Finalmente, meu deus! – Ele gritou, sozinho em seu quarto.

Se sentia fraco, mas levantou da cama e saiu do quarto. Subiu as escadas lentamente e encontrou com os amigos sentados na mesa da cozinha. Era só o que faziam agora.

– A energia voltou! – Ele falou por fim.

Todos comemoraram, aos gritos.

– Achei que ainda estávamos sem, por isso estamos jogando Dixit.

Era o jogo de tabuleiro favorito deles.

– Meu, depois do segundo apagão que tivemos no ultimo temporal, achei que nunca mais ia voltar ao normal.

Lucas concordou. Dia 22 de novembro, em um domingo, um temporal caiu em Macapá e se tornou a mais

intensa chuva do ano. Enchentes ocorreram em meio à crise de energia e muitas famílias tiveram estragos de móveis e eletrodomésticos. E por conta disso, alguns curto-circuito aconteceram na Zona Norte da cidade e causaram mais um apagão.

– A chuva veio pra limpar da visita do Bolsonaro.
– comentou um dos amigos.

– Para de falar isso, a chuva deu muito prejuízo pra muita gente.

O presidente do país veio ao estado depois de 19 dias do apagão e prometeu que o governo estaria fazendo todo o possível para restabelecer a energia. Assinou medidas provisórias em meio à um grande número de protestos contra o apagão que aconteciam no estado.

– Engraçado que o Lucas vem melhorar bem no fim do apagão, só pra voltar a trabalhar né?

Lucas riu.

– Não importa, não gosto de ficar parado. E parece que estamos na segunda onda da covid mesmo, quero ajudar.

Os amigos suspiraram.

– E em dezembro ainda tem eleição, em maio a essa alta de casos.

– Pelo menos a vacina está quase pronta.

– Quem sabe chega ano que vem.

– Deus ouça vocês...

Lucas sentou-se com eles. Era bom ter chegado ao fim da escuridão. Era bom estar quase curado da Covid. Era bom não ter morrido. Era bom que a vacina estava chegando. Mas não conseguia parar de pensar na alta de casos, depois de todo esse caos, a pandemia ainda estava ali para atormentar a vida de todos. E ninguém aguentava mais.

23 de dezembro

Depois de quase um mês de apagão, companhia de energia do estado finalmente declara o fim, com a chegada de novos transformadores.

O Amapá viria a enfrentar mais um apagão em janeiro de 2021 em 13 dos 16 municípios.

Em fevereiro de 2021, a Aneel anunciou que aplicou a maior multa da história da agência contra a concessionária Linhas de Macapá Transmissora de Energia (LMTE) no valor de R\$3,6 milhões de reais.

Janeiro de 2021

31 mil doses da Coronavac, vacina do Instituto
Butantan, chega ao estado do Amapá_

EPÍLOGO

O ano de 2020 finalmente havia terminado. Parecia ter durado uma eternidade. Depois de um ano do primeiro caso confirmado de Covid-19 no Amapá, foram 91 mil infectados e duas ondas com mortes. Mariléia nem podia acreditar que teve um ano disso.

– Que 2021 seja melhor. – Ouvia dizer de todos.

Mas ela sabia o que queria. Queria mesmo se aposentar daquele tormento, mas como fazer isso sem deixar de lado os pacientes que cuidava? Sem deixar de lado a importância que foi fazer a sua parte?

– Tivemos 1.215 mortos em um ano no Amapá. – Ela comentou certo dia com seu marido. – E a vacina chegou pra frear tudo, as coisas irão melhorar.

Mas havia uma nova variante do Coronavírus circulando pelo mundo e o caos estava para se instalar novamente. Lucas, por outro lado, após se recuperar da doença e voltar a trabalhar, estava ainda mais decidido em superar a nova variante e ajudar ainda mais. Não queria mais ver pacientes dividindo leitos com corpos de vítimas.

– Dezembro foi o mês mais mortal no estado desde julho. – Ele lembrava aos amigos.

– A segunda onda foi mesmo terrível – respondiam.

– Foi uma alta de 183%, não podemos relaxar quando os casos reduzirem de novo. – Comentava sempre.

Se chateava ao lembrar das restrições de circulação de pessoas em praças, calçadas e logradouros públicos após as 22h, mas era necessário para que não piorasse tudo. Seu maior medo era que o Amapá virasse o Amazonas, que naquele momento enfrentou um colapso na rede de saúde com recorde de mortes e enterros, falta de oxigênio e leitos. *Mesmo após o apagão, ainda haviam riscos no nosso estado.*

Andrei, enquanto cumpria seus plantões no SAMU, lembrava todos de se vacinarem. As campanhas começaram na capital e nas cidades primeiro com casos mais urgentes, como idosos e imunodeprimidos. Mas ele, como profissional de saúde, também pode se vacinar.

– Foram 31 mil doses de imunizantes, nós vamos conseguir. – Seu chefe vivia dizendo.

O primeiro ato de vacinação teve até cerimônia no Palácio do Setentrião, sede do governo estadual em Macapá. Uma idosa, uma enfermeira e um indígena foram os primeiros a se vacinarem, exemplificando o momento das primeiras campanhas. As pessoas se emocionaram depois de todo o tempo de luta.

O Brasil se preparava para a nova variante e as vacinações se dariam em etapas. Primeiro os da linha de frente, profissionais da saúde. Depois idosos a partir de 60 anos e pessoas com comorbidades. Pra finalizar seriam trabalhadores da educação, forças de segurança, indígenas e funcionários de sistema prisional.

Mas o mundo ainda estaria longe de imunizar toda a população. E estaria longe de se ver livre da pandemia, que só foi declarada como fim em abril de 2022.

Mariléia, Andrei e Lucas ainda teriam mais dois anos na linha de frente. E o Amapá continuaria na sua batalha para vencer suas dificuldades geográficas.

APÊNDICE

IMAGENS DE 2020.



EPIS VIRAM ROTINA
COM MÁSCARAS E
REGRAS DE HIGIENE
E DISTANCIAMENTO

FOTO: GABRIEL FLORES/PMM
- RETIRADA DO [SITE G1](#)

ÁREA DE
SEPULTAMENTO DE
MORTOS PELA COVID
NO CEMITÉRIO SÃO
FRANCISCO EM
MACAPÁ.

FOTO: REDE
AMAZÔNICA/REPRODUÇÃO
RETIRADA DO [SITE G1](#)



APÊNDICE

IMAGENS DE 2020.



AGLOMERAÇÃO EM
FESTA NA ZONA
NORTE DE MACAPÁ

FOTO: G1 REPRODUÇÃO -
RETIRADA DO [SITE G1](#)

LEITOS NO CENTRO
DE COVID DO RECÉM
ABERTO HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO DE
MACAPÁ

FOTO: GEA/DIVULGAÇÃO
RETIRADA DO [SITE G1](#)



APÊNDICE

IMAGENS DE 2020.



VISTA AÉREA DA
ZONA SUL DE
MACAPÁ DURANTE
APAGÃO DE
NOVEMBRO

FOTO: REDE AMAZÔNICA -
RETIRADA DO [SITE G1](#)

DOSES DA
CORONOVAC SENDO
DESEMBARCADAS NO
AEROPORTO DE
MACAPÁ

FOTO: GEA/DIVULGAÇÃO
RETIRADA DO [SITE G1](#)



Kellven Vilhena

2024